



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
COLEGIADO DE ENSINO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL

BÁRBARA CONCEIÇÃO PENACHO DOS REIS GOMES
DOS SANTOS

FAMÍLIAS NEGRAS E MEMÓRIA: ICONOGRAFIA DOS AFETOS

Salvador

2024

**BARBARA CONCEIÇÃO PENACHO DOS REIS GOMES DOS
SANTOS**

FAMÍLIAS NEGRAS E MEMÓRIA: ICONOGRAFIA DOS AFETOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Colegiado de Ensino de Graduação em Serviço
Social, Instituto de Psicologia, Universidade Federal
da Bahia, como requisito para obtenção do grau de
Bacharela em Serviço Social.

Orientadora: Profa. Dra. Josimara Aparecida Delgado
Baour

Salvador

2024

Dedico este trabalho à minha mãe, Ubiraci Penacho dos Reis, ao meu irmão, Gladson Lázaro Penacho dos Reis, ao meu pai, Aloísio Gomes dos Santos, ao meu companheiro Erik Conceição de Lima, todas as famílias que contribuíram com este trabalho e à minha orientadora, Josimara Delgado Baour.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a minha mãe que, mesmo com tantos desafios durante a sua vida, fez de tudo para me criar, dando o seu melhor. Agradecer ao meu irmão, por ser a minha grande paixão e a verdadeira razão da escolha que me trouxe até aqui. Meu irmão sou eu e eu sou o meu irmão. Gostaria de agradecer também ao meu pai, por ser um homem tão artístico e livre, despertando esse olhar e desejo por liberdade e cultura em mim também. Cada um me ensinou o amor à sua maneira e apesar de tantas complexidades eu amo e me sinto amada. Obrigada também, ao meu cachorrinho João Paulo.

Meus agradecimentos a todos os familiares e amigos que contribuíram para a minha formação, muitas vezes de forma financeira, custeando o meu transporte ou até mesmo com o incentivo afetivo, me lembrando de não desistir.

Agradeço também a minha psicóloga Guacira Cavalcante que me acompanhou por anos, possibilitando um verdadeiro processo de comprometimento com o meu autoconhecimento e sobretudo, com a minha saúde mental. Sem este processo e consequentemente, sem o trabalho dela, eu jamais daria conta de sustentar a minha graduação. Também agradeço a psicóloga Raiane Bastos, por nos últimos meses ter me acompanhado, empoderado, acolhido e fortalecido, principalmente nesta reta final. Agradeço a minha rede de apoio: às minhas amigas Micaela, Renata, Chayene, Alana, Emile, Aline, Joice, Laís, Tatiane, Saymon, Nei e ao meu marido, o meu amor e amigo, o mais leal e verdadeiro, Erik Lima. Vocês são essenciais nessa história.

Aqui, aproveito para agradecer a minha sogra Augusta Conceição e ao meu tio Aloísio Ferreira (*in memoriam*) por me darem presentes tão importantes e significativos na vida. Augusta foi uma mulher muito generosa e carinhosa comigo, sendo infelizmente a minha primeira experiência de luto consciente na vida, fato que me ocasionou profunda tristeza e indignação. Nós sentimos a sua falta todos os dias. Meu tio Aloísio, que se foi no mesmo ano, sinto muito a sua falta. Profundamente. Lamento demasiadamente que não estejam aqui fisicamente, comemorando esse momento comigo, mas espero que estejam orgulhosos de onde estiverem.

Gostaria de agradecer também a Lorena Bispo e Ana Sueli, que foram partes fundamentais na escolha e encorajamento para definição do tema do meu TCC e por tantas vezes me acolherem para além das demandas acadêmicas, mas como amigas. Agradeço também a Amiga Isis Pitanga (assim que a chamo carinhosamente), por ter

sido um fundamental nesta reta final, me auxiliando em um momento tão caótico da vida, onde, em meio a produção deste trabalho, a minha casa foi diagnosticada com risco de desabamento. Amiga Isis, obrigada pelo apoio, pelo suporte e pelo amor oferecido. Às famílias que participaram da minha pesquisa, o meu muito obrigada. À minha querida orientadora, Josimara Delgado, por confiar em mim, me orientar de fato, ser afetuosa, acolhedora, generosa, paciente, grandiosa, interessada e interessante. Tenho certeza que o universo não me colocou como sua orientanda atoa. Se Josimara tivesse um fã clube, com certeza eu seria a presidenta e fã número 01. Agradeço também a professora Rosimeire Maria Antonieta que, assim como a professora Josimara, eu conheci nos momentos finais da graduação e ainda assim conseguiu impactar, me acolher e transformar a minha perspectiva diante a vida. Obrigada por me ensinar a ser mais como as águas, Rosimeire.

Acolho e agradeço a Barbinha. A minha criança. Ela jamais sonhou chegar até aqui. Neste agradecimento, aproveito para deixar registrado: Barbinha, nós conseguimos. Com todos os desafios, com toda vulnerabilidade, com todo racismo e atravessamentos a nossa existência e a de nossa família, nós conseguimos. Você é linda, amada, inteligente, simpática, generosa, engraçada, amiga, irmã, mulher, esposa, filha e agora, formada. (Espero que em breve também esteja empregada)

Meus sinceros e afetuosos agradecimentos ao Racionais MC's, o maior e mais revolucionário grupo da história da música brasileira, por forjarem quem eu sou, me ensinando história, despertando a minha consciência e o orgulho da minha raça. Louvo a Deus pela vida de cada um. Por fim, mas nem de longe menos importante, gostaria de agradecer aos Orixás, a Deus, ao universo, aos meus ancestrais e a Exu por abrir os meus caminhos e permitir que eu chegasse até aqui, sem sucumbir. Foram muitos os desafios, as lutas e os adoecimentos, mas é chegada a hora da vitória. Por mim e por todos os meus iguais que não tiveram a mesma oportunidade que eu.

Lágrimas molham a medalha de uma vencedora.

SANTOS, Bárbara Conceição Penacho dos Reis Gomes dos. **Famílias Negras e Memória: Iconografia dos Afetos**. Orientadora: Profa. Dra. Josimara Aparecida Delgado Baour. 69 f. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) — Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

RESUMO

O referido trabalho explora a relação entre famílias negras e a preservação de suas memórias através de acervos iconográficos. O estudo buscou analisar como essas famílias se autorrepresentam e documentam sua história visual, analisando a importância da memória na construção de suas narrativas e identidades. Dessa forma, o estudo realizado a partir de entrevistas com famílias negras da cidade de Salvador, discute o impacto emocional, a relevância da memória na luta contra estereótipos e preconceitos e promove uma maior compreensão da trajetória histórica e cultural das famílias negras brasileiras. O trabalho de conclusão de curso é estruturado em quatro capítulos, abordando desde a formação sócio-histórica das famílias negras no Brasil até a análise de casos específicos de iconografia familiar, enfatizando a importância da memória como ferramenta de resistência e reivindicação de identidade.

Palavras-chave: Famílias Negras; Memória; Iconografia.

SANTOS, Bárbara Conceição Penacho dos Reis Gomes dos. **Black Families and Memory: Iconography of Affections**. Monography Advisor: Josimara Aparecida Delgado Baour. 2024. 69 s. Monography (Undergraduate course in Social Work) — Institute of Psychology, Federal University of Bahia. 2024.

ABSTRACT

This work explores the relationship between Black families and the preservation of their memories through iconographic collections. The study aims to analyze how these families self-represent and document their visual history, examining the significance of memory in shaping their narratives and identities. Based on interviews with Black families from the city of Salvador, the study discusses the emotional impact, the relevance of memory in the fight against stereotypes and prejudice, and promotes a deeper understanding of the historical and cultural trajectory of Black Brazilian families. The thesis is structured in four chapters, covering the socio-historical formation of Black families in Brazil to the analysis of specific cases of family iconography, emphasizing the importance of memory as a tool of resistance and identity assertion.

Keywords: Black Families; Memory; Iconography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Aurenio, Micaela e Conceição	33
Figura 2 - Aurenio com sua filha Micaela	34
Figura 3 - Mãe de Dona Conceição, sua irmã e sua tia.....	35
Figura 4 - Irmã de aurenio, Aurenio, a mãe e Micaela.....	38
Figura 5 - Dona Jannaci e sua filha Alana.....	39
Figura 6 - Alana em seu primeiro ano na escola	40
Figura 7 - Dona Jannaci em 1974, na sua colação de grau	41
Figura 8 - Alana, Jannaci e o sobrinho no encerramento do ano letivo em 2000	43
Figura 9 - Nicinha, irmã de Jannaci e tia de Alana, em 1988	44
Figura 10 - Jannaci e sua filha Alana, em seu aniversário de 2 anos.....	45
Figura 11 - Dona Ubiraci, o cachorro João Paulo e Bárbara Penacho	46
Figura 12 - Eu ainda criança, em algum carnaval	48
Figura 13 - Minha mãe Ubiraci comigo no colo, em 1993	49
Figura 14 - Eu de vestido azul e Alana, ao meio, de blusa vermelha	50
Figura 15 - Eu, o pai de uma amiga e a amiga	51
Figura 16 - Quadro dos meus avós na casa deles	52
Figura 17 - Dona Jannaci e suas irmãs no aniversário de 74 anos da sua mãe, ao centro da foto	55
Figura 18 - Dona Ubiraci na caravana da Igreja Messiânica em Maceió	57

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

AVC	Acidade Vascular Cerebral
COVID-19	Corona Virus Disease – 2019
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBTQIAPN+	Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexuais, pansexuais, não binárias e mais
PENSSAN	Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FAMÍLIAS NEGRAS E FORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO BRASIL: QUE REGISTROS E QUE MEMÓRIAS	14
2.1 FAMÍLIA E FORMAÇÃO SOCIAL BRASILEIRA	14
2.2 HISTORIANDO AS FAMÍLIAS NEGRAS NO BRASIL: ENTRE A ESCRAVIDÃO E O NEOLIBERALISMO	18
3 MEMÓRIA E ICONOGRAFIA: QUAL O LUGAR DAS FAMÍLIAS NEGRAS?	25
4 ICONOGRAFIA DE FAMÍLIAS NEGRAS.....	31
4.1 AS FAMÍLIAS.....	32
4.2 UMA TENTATIVA DE INTERPRETAÇÃO: SOBRE LAÇOS DE AFETO, RESISTÊNCIAS E TRANSMISSÕES INTERGERACIONAIS.....	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS	66
APÊNDICE — Roteiro para entrevista	70

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como objetivo investigar o acervo iconográfico e histórico de famílias negras na cidade de Salvador, acreditando ser esse exercício de fundamental importância para o fortalecimento e valorização das culturas e identidades deste grupo social. A pesquisa sobre o acervo iconográfico de famílias negras se mostra relevante para a compreensão das narrativas e das memórias que podem ser encontradas nos registros familiares.

Movida pela curiosidade em relação à memória de famílias negras, álbuns de fotografia e herança afetiva, surge o meu desejo em pesquisar a existência (ou não) do material iconográfico dessas famílias. Desde que a prática da fotografia se popularizou, a fotografia de família também se tornou uma espécie de tradição, que pode muitas vezes explicar as gerações, a dinâmica familiar, as datas importantes para aquele grupo, momentos marcantes, recados passados através de uma dedicatória na foto e de modo geral, documentar a história familiar. Sabendo que historicamente e por consequência de um passado escravagista a população negra é a mais empobrecida, tornando assim, por vezes, mais difícil o acesso ao equipamento fotográfico, ou mesmo a serviços de fotografia em estúdio, surge também o desejo de entender como se preserva, acessa e produz um acervo iconográfico em famílias negras na cidade de Salvador/Ba.

Ao acessar o material iconográfico familiar, é possível analisar as representações da fotografia dentro do contexto das relações familiares, como também o sentimento de pertença suscitado a partir do reconhecimento de identidades e dos significados contidos nas imagens (Giusti, 2015). Entende-se por fonte iconográfica uma das categorias do que chamamos de fonte histórica. As fontes históricas são todos os materiais que o homem produz e que podem informar sobre sua existência em um determinado tempo e espaço. Sendo assim, as fontes históricas são de diferentes naturezas, o que nos permite classificá-las enquanto fontes históricas iconográficas; fonte histórica escrita; fonte histórica sonora e fonte histórica material (Ferreira, 2014).

A escolha da fotografia como fonte iconográfica desta pesquisa se dá por um acontecimento pessoal. Quando criança, no que provavelmente seria o dia do meu aniversário de oito anos, a minha residência na cidade de Salvador/Ba passou por um grande incêndio e com isso, além da moradia, roupas, mobília e alimentos, a minha

família perdeu também todo o acervo iconográfico construído até ali. Havia muitos álbuns de fotos que narravam a minha infância em aniversários, carnavais, festas juninas e na presença de outros familiares e amigos. Com o incêndio e a perda dessa documentação, perdeu-se também parte de uma memória material, afetando de forma direta a memória subjetiva da família. Eu, que não conheci os meus avós maternos, por exemplo, e que passei por este trauma ainda criança, com o tempo perdi a maioria da memória visual da infância. Desde eventos escolares, até os rostos de familiares. Até mesmo a memória exata de qual aniversário acontecia naquele incêndio, se perdeu. Provavelmente pelo trauma.

Assim, me lancei a essa pesquisa com o objetivo central de entender como são construídas e preservadas as memórias fotográficas e os registros familiares como uma herança visual e de narrativa em famílias negras ao longo das gerações. Assim, é preciso identificar a existência ou não de uma relação com a fotografia dentro das famílias negras e os motivos pelos quais essa relação existe, de modo a compreender como tem sido, para esses grupos, se debruçar sobre a sua própria história através das fotos antigas e atuais, as atribuições sentimentais e os seus significados, como também entender a ausência de registros visuais de outras gerações e o motivo dessa ausência, se assim houver.

Apesar da popularização da câmera fotográfica analógica nos anos 80 e 90, sabemos que isso não significou necessariamente o acesso desse equipamento a todos que o queriam e/ou tinham interesse. Com isso, nem todas as famílias acessaram ou puderam construir o hábito de produzir registros com seus pares, filhos, avós, bisavós, tios, primos e grupos considerados familiares sendo sanguíneos ou não. Sabemos que a população negra no Brasil historicamente ocupa o lugar de maior vulnerabilidade social, dada a forma em que se construiu a sociedade brasileira e, por esse motivo, o recorte dessa pesquisa se fez interessante. Além disso, por diversos fatores possíveis, muitos dos registros da época, acabam por se perder com o tempo e com isso, perde-se também parte do conhecimento e lembrança da sua hereditariedade, suas raízes e consequentemente da sua história documentada através de imagens.

É interessante saber qual o impacto relacional, documental e afetivo gerado com a possibilidade de se fazer a movimentação de visita ao passado, à memória, à história e o que é gerado a partir de uma possível impossibilidade dessa visita e

movimentação. A memória está em constante disputa, sendo assim é importante reivindicá-la, preservá-la, sendo possível assim contar a sua própria história.

No campo do Serviço Social brasileiro, a pesquisa também se revela importante por diferentes razões. Em primeiro lugar, permite a compreensão da trajetória histórica e cultural das famílias negras no Brasil, destacando lutas, resistências, conquistas e contribuições para a sociedade — fator essencial para a valorização da diversidade étnico-racial brasileira. Em segundo lugar, a pesquisa sobre a memória iconográfica de famílias negras é fundamental para a identificação e preservação do patrimônio cultural dessas famílias. Através do registro de imagens, é possível resgatar a história de pessoas, lugares e objetos que são importantes para identidade, bem como para a história do país como um todo.

Por fim, essa pesquisa também pode contribuir para embasar ações que busquem promover a justiça social e a igualdade racial. Ao destacar as experiências das famílias negras, suas lutas, especificidades e os seus afetos, é possível também questionar estereótipos e preconceitos que ainda persistem na sociedade brasileira, a fim de promover uma visão mais inclusiva e equitativa da história e da cultura do país. Desta maneira, a formação no Serviço Social brasileiro contribui e pode também se beneficiar desse debruçar na história, desse fortalecimento da memória, das lutas e do não apagamento do que construiu a sociedade brasileira, sendo assim, possível examinar, entender e assistir os seus usuários.

Este trabalho encontra-se dividida em quatro capítulos: Capítulo I - Introdução, apresentando o tema e a sua relevância para diversos âmbitos; Capítulo II - Famílias Negras e Formação Sócio-Histórica do Brasil, discutindo sobre os registros e as memórias das famílias negras brasileiras, bem como historiando a formação da família negra no Brasil entre a escravidão e o neoliberalismo; Capítulo III Memória e Iconografia, refletindo e elaborando sobre qual o lugar da família negra no Brasil e as suas diversas formas de manter preservada a memória; Capítulo IV Iconografia de Famílias negras, onde é apresentado a pesquisa feita com três famílias e a análise delas. Por fim, as conclusões finais com

2 FAMÍLIAS NEGRAS E FORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO BRASIL: QUE REGISTROS E QUE MEMÓRIAS

No presente capítulo, pretendo desenvolver uma discussão sobre o que será tratado aqui como famílias negras, ou seja, a construção sócio-histórica das famílias negras no contexto da formação social brasileira. Para abordar essa temática, organizo o capítulo em dois momentos. Na primeira parte, examino a noção de família e sua formação na sociedade brasileira. Na segunda parte, realizo uma análise histórica das famílias negras no Brasil, passando pelo período da escravidão e contemplando a era do neoliberalismo atual.

Para uma melhor compreensão, é crucial analisar o conceito de família no Brasil, especialmente quando se trata das famílias negras. Não podemos ignorar a profunda ferida deixada pela escravidão. Durante esse período, essas famílias frequentemente eram separadas, seja pela venda de membros para diferentes senhores ou por uniões forçadas. Isso resultou em uma fragmentação e desestruturação, dificultando a transmissão de tradições culturais e valores entre gerações. Hoje, as famílias negras no Brasil são diversas, multifacetadas e desempenham um papel significativo na cultura, economia e política do país. Sua história é marcada pela resistência e luta e esse trabalho pretende fortalecer, resgatar e registrar essa história.

2.1 FAMÍLIA E FORMAÇÃO SOCIAL BRASILEIRA

Para começarmos a falar sobre família, é importante trazer a sua definição e como essa definição se apresenta e se estrutura, sendo defendida na sociedade brasileira. Popularmente entende-se como família um grupo de pessoas que podem ou não viver sob o mesmo teto e que possuem alguma ligação sanguínea. Essa última característica para definição de família, vem tendo a sua relevância debatida na contemporaneidade, com os novos arranjos e acordos afetivos. No Art. 226, a Constituição Federal diz que a família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado. No entanto, é interessante que se faça uma movimentação para entender de que família estamos falando aqui.

É possível observar no Brasil, durante os últimos anos, a força que vem ganhando o discurso sobre a importância da manutenção e proteção da instituição "família tradicional brasileira", em referência a uma suposta ameaça representada pela

diversificação dos arranjos familiares (Bem; Borges, 2022). Essa diversificação dos arranjos e novas perspectivas de famílias é comumente considerada uma ameaça em discursos políticos e religiosos. Entende-se por "família tradicional brasileira" a organização patriarcal composta por uma mãe, um pai e seus filhos. Nessa estrutura patriarcal, o que prevalece é a relação de poder, onde o homem ocupa o lugar de figura central, exercendo o domínio sobre os filhos, a mulher e todos os outros sujeitos sociais que não estejam dentro de um padrão normativo de gênero, raça e orientação sexual. Esse modelo patriarcal não se restringe apenas à dinâmica familiar, pois se expande para além da família, forjando as relações de hierarquia nos campos de trabalhos, políticos e outros. Dentro dessa dinâmica de organização, o modelo patriarcal é estabelecido, mantido, fortalecido e respeitado.

Essa ideia e construção de família tradicional, que vem sendo defendida por alguns como a única referência a ser seguida e validada, surge ainda no período da escravidão. Em trabalho publicado na década de 1930, Freyre (2003) defende que, no período colonial brasileiro, havia a predominância da família patriarcal. A composição desse modelo baseava-se no poder do patriarca, dono de engenho, e na submissão de sua mulher, seus filhos e filhas, noras, genros, agregados, parentes e escravos (Bem; Borges, 2022). Esse trabalho se baseia nos elementos que formaram a sociedade brasileira, com o autor investigando e afirmando que, a origem dessa formação se deu no trato social e sexual de pessoas de raças diferentes, possibilitando assim o sucesso da colonização e a miscibilidade. No trabalho, Freyre (2003) se refere a essa dinâmica colonizadora como a preferência do homem português pelo "amor físico" com mulheres de cor, quando na verdade, talvez a forma mais correta de nos referenciarmos a forma como se deu essa miscibilidade, seja enfatizando que seu processo foi através do abuso, violência e estupro.

Aqui é importante enfatizar que o amor nada teve a ver com essa dinâmica e nada embasa essa suposta preferência dos colonizadores aos corpos das mulheres negras escravizadas. O processo de miscigenação no Brasil durante a escravidão, foi profundamente influenciado pela violência sexual. Essa é a verdade. Em seu ensaio "*Love as the practice of freedom*", bell hooks (1994) ressalta que a consciência, como a prática da liberdade, é central para o processo de amor. Dentre as interpretações que cabem nesta frase, me chama a atenção para os três termos que se encontram nesta mesma linha: consciência, amor e liberdade. Dito isso, jamais deveríamos olhar para a prática violenta do período da escravidão, como preferência ou amor. Os

estupros eram frequentemente utilizados como uma ferramenta de controle, o que nada tem a ver com liberdade, o que nada tem a ver com amor e foram esses estupros que resultaram em uma miscigenação forçada.

É interessante observar como a época da escravização no Brasil, reverbera no período histórico que vivemos até hoje. O período colonial forjou nossas relações, do conceito e estrutura de família, até a hierarquização e mecanismos de poder dentro da sociedade brasileira atual, para além dos grupos familiares. Toda a herança que sustenta a defesa da ideia de uma família tradicional no Brasil, com os esforços para a manutenção de um modelo direcionado a submissão, a obediência, desigualdade de gênero e raça, existe para que se mantenha além de uma ordem social, uma hierarquia que, deslegitima outros arranjos de família e de viver em sociedade. É importante que façamos a movimentação de olhar para esse passado de forma crítica, a fim de investigarmos a base estruturante do que vivemos hoje e o que ainda será transformado. Essa criticidade na investigação permitirá construir debates e políticas públicas que atendam, acolham e protejam grupos marginalizados ao longo da história, como mulheres, população negra, indígenas, quilombolas e LGBTQIAPN+, além de promover a garantia da democracia e do Estado de direito.

Se pararmos para analisar, o patriarcado e a escravidão se retroalimentam na construção e manutenção da ideia de que o modelo referencial a ser seguido e alimentando, é o modelo onde prevalece o sistema onde o homem branco detém do poder autoritário, se colocando acima dos direitos e da liberdade dos corpos considerados inferiores a ele. Forçando assim esses corpos a obedecerem às regras e os padrões impostos, sob uma ameaça de punição e tornando-os uma propriedade que é atravessada por diversos tipos de violência. O patriarcado contribuiu para que a escravidão continuasse em vigor, ao passo que a escravidão foi uma das principais fontes de geração de riqueza no Brasil colônia. Riqueza essa que reverbera até hoje, passando de geração em geração, dentro de algumas famílias brancas brasileiras.

No entanto, é crucial que se debruce sobre a história de famílias negras no Brasil, para além da ótica do período da colonização, como faz a crítica da autora Marisa Corrêa (1981) ao autor Gilberto Freyre. Ao expor a história das estruturas familiares apenas através do panorama exclusivo da família patriarcal da casa-grande, sugere-se que essa é uma estrutura fixa, na qual os personagens são apenas substituídos de uma geração para outra, desprezando as outras camadas que influenciaram na ideia de família tradicional na contemporaneidade, como também ignora que foi a partir da

chegada da modernidade que o modelo de família dominante ganhou força se tornando a união conjugal entre um homem e uma mulher com filhos, estabelecendo assim uma normatividade heterossexual.

Considerando as especificidades brasileiras, há um ponto igualmente importante: a raça. Isso porque o processo formativo dessa sociedade se deu por intermédio da escravização e exploração da população negra. (Bem; Borges, 2022). Apesar da abolição da escravidão ter acontecido em 1888, com a cidade de São Paulo sendo considerada a última cidade brasileira a abolir, ainda é possível afirmar que a população negra vive os efeitos do período Brasil colônia até os dias atuais. Todavia, não só a população negra, mas toda a sociedade brasileira que se fundou no patriarcado e na escravidão, tendo essas estruturas perpetuando as desigualdades de raça e gênero. Dito isso, já que é inegável essa herança de violência, desigualdade social e subalternidade, é correto afirmar que o Estado deveria se responsabilizar por garantir políticas públicas efetivas, a fim de reparar as consequências desse histórico período da colonização.

Não chamaria essa garantia de proteção especial, mas sim de garantia de equidade e proteção justa. Ou talvez “justiça” seja um termo que nem caiba de forma apropriada nesse debate, afinal, o que seria uma conta justa no caso de uma reparação à população indígena e negra do Brasil? Aqui, fica impossível não lembrar do verso da rapper Tracie na música de Don L “auri sacra fames” (2021). Tracie rima “Sua sorte é que quero só muito. Cês tavam fudidos se eu quisesse o justo”. Sabemos que na verdade, a defesa dos discursos que enfatizam uma suposta necessidade de manutenção de uma família patriarcal e que coloca esse modelo de família em um lugar central, como o padrão legítimo a ser seguido, existe para que famílias que não se encaixem dentro desse padrão colonial branco continue a margem de direitos, garantias e proteção. A chamada ‘família patriarcal brasileira’ era o modo cotidiano de viver a organização familiar no Brasil colonial, compartilhado pela maioria da população, ou é o modelo ideal dominante, vencedor sobre várias formas alternativas que se propuseram concretamente no decorrer de nossa história? (Corrêa, 1981).

No próximo subcapítulo, pretendo historizar as famílias negras no Brasil, trazendo a sua construção entre a escravidão e o neoliberalismo. Revelando uma evolução complexa nas estruturas familiares e nas condições sociais enfrentadas por essas famílias ao longo dos séculos. Sendo no período da escravidão a noção de família negra profundamente afetada pela brutalidade do sistema escravocrata,

resultando em uma desestruturação familiar significativa, onde os laços de parentesco e os vínculos culturais eram frequentemente rompidos pela força e na ascensão do neoliberalismo, o Estado reduzindo o seu papel e aumentando as desigualdades econômicas e raciais herdadas deste período colonial. As famílias negras enfrentam (não tão) novos desafios, como o aumento do desemprego, a precarização do trabalho, a violência urbana e a falta de acesso a serviços essenciais.

2.2 HISTORIANDO AS FAMÍLIAS NEGRAS NO BRASIL: ENTRE A ESCRAVIDÃO E O NEOLIBERALISMO

No período da escravidão no território brasileiro, a noção de família cumpria um papel importante para os negros que foram escravizados. Naquele contexto de violência, privação de direitos, tentativa de apagamento de suas identidades e sentimento de banzo — sentimento esse caracterizado pela tristeza profunda e depressão psicológica que atingia os negros escravizados —, era de extrema importância fazer parte de um grupo familiar. Podemos citar aqui, por exemplo, o Quilombo dos Palmares e toda dinâmica construída em torno da comunidade e aquilombamento dos negros fugidos.

Neste contexto, a noção de família poderia ter alguns significados e modelos. Um primeiro seria o modelo que vem da tradição católica, patriarcal como já explicado acima, onde a família é composta por um pai, uma mãe e seus filhos. Um segundo, indo mais além do que é apresentado como família nesse contexto, obtendo o suporte entre os que se consideravam parentes, construindo laços afetivos e formando redes de apoio. Haja visto a necessidade de aquilombamento da época, a fim de enfrentar aquela realidade, por meio da resistência, revolta, luta e busca pela alforria, como no suporte a experiência da tristeza, da saudade, construindo afetividade, bem como se fortalecendo enquanto grupo.

Historicizar as famílias negras no Brasil colônia é também entender que não necessariamente chegaremos a uma unidade, um padrão de construção e de modelo, visto que os desdobramentos da escravidão em cada região do Brasil têm as suas similaridades, mas também as suas diferenças. Bem como a necessidade de se pensar e respeitar a subjetividade de cada indivíduo e de cada grupo. Além disso, é preciso sinalizar também a dificuldade da historiografia contemporânea ao se debruçar a pesquisar a população negra escravizada, dado o difícil acesso e

preservação das documentações históricas, que além de poder nos contar parte do período da escravização, nos explica também muito do que vivemos até hoje. Neste capítulo, não raras serão as vezes em que perceberemos como o período escravagista moldou e continua intrínseco na experiência do viver em sociedade da população negra.

Em sua tese de doutorado sobre a família negra no período da escravidão na Bahia, Reis (2007) contextualiza a experiência de uma vida familiar negra no período das últimas décadas do sistema escravista na província da Bahia e articula essas experiências com as transformações globais da estrutura social, econômica e política. Neste exercício, a autora traz, em alguns pontos, o contexto dos Estados Unidos da América, já que apesar da América Latina ter precedido os EUA, foi somente com a abolição na América do Norte que se desencadearam de fato os processos de transição do trabalho escravo para o trabalho livre na América Latina (*Ibid.*, 2007).

No Brasil, a população de escravizados cresceu até 1850 através do tráfico atlântico que trouxe à força negros de África. A lei Eusébio de Queiroz, decretada em setembro do mesmo ano, tratando da supressão do comércio transatlântico de escravos, a libertação dos filhos recém-nascidos das mulheres escravas em 1871 e a Lei do Sexagenário de 1885 serviram para adiar a abolição definitiva da escravidão dos negros até o final do século XIX, já que os africanos ditos como "livres", surgidos após as primeiras proibições do comércio internacional de escravos, trabalharam para o Estado até sua emancipação em 1864.

Tratando-se dos filhos das mulheres escravizadas nascidos a partir de 1871, estes poderiam ser explorados até 1892. Os sexagenários, liberados pela lei de 1885, deveriam indenizar seus senhores e trabalhar mais alguns anos caso não fossem capazes de fazê-lo em dinheiro. Ao final, essa política emancipacionista brasileira, na verdade, tinha a intenção de controlar a vida dos libertos para garantir a continuidade da exploração de sua mão-de-obra. Em resumo, os "africanos livres", "ingênuos", "sexagenários" e libertos em geral, não conseguiram ter seus direitos como cidadãos deste lugar garantidos.

Este é um ponto autoexplicativo, como um fator determinante para a população negra ocupar o lugar mais vulnerável e violento na sociedade brasileira, nos períodos posteriores que construíram a história do país. A história do Brasil foi construída sem reparação. De acordo com Silva (2013), o processo de transição do trabalho escravo para o trabalho livre no Brasil ocorreu ao longo de todo o século XIX e durante esse

período, havia diferentes formas de liberação da mão-de-obra negra. O autor ressalta ainda, a necessidade que as elites políticas brasileiras tiveram de repensar, não apenas um projeto de desenvolvimento para o país, mas também um projeto de construção de uma nova nação brasileira.

Nesse contexto, a manutenção da precariedade do povo negro não mais cabia com a ordem social e política do antigo regime escravagista. No entanto, essa necessidade de se repensar uma nova ordem social não significava a construção de ferramentas que assegurassem uma nova perspectiva para o povo negro, no que se diz respeito à dignidade, garantia de direitos, possibilidades de mobilidade social e financeira e reparação após a abolição. Ainda falando sobre um projeto de nação, o autor aborda a importância da composição étnica como elemento central desse projeto, destacando a necessidade de atrair mão-de-obra imigrante para o país, tanto por meio de ações privadas quanto por meio de políticas públicas implementadas pelo Estado.

Nessa perspectiva, as classes dominantes brasileiras, ao traçar o que seria esse novo projeto de nação, buscaram ressignificar não apenas o trabalho, mas também o trabalhador. Assim, os projetos imigracionistas tiveram fundamental importância para a construção de um modelo de hierarquização racial, o qual desvalorizava o elemento negro da população, considerando-o incapaz de contribuir para o sistema de livre iniciativa. O período imigracionista no Brasil, que ocorreu principalmente durante o governo de Getúlio Vargas — governando em dois períodos, sendo eles de 1930 a 1945 e de 1951 a 1954 — foi marcado por políticas que visavam atrair e trazer mão de obra imigrante para o Brasil, tendo como objetivo o fortalecimento da economia e a promoção do desenvolvimento do país.

Neste período, houve políticas que incluíam a construção de incentivos para atrair essa imigração, bem como aportes facilitadores para que os imigrantes que no Brasil chegassem, se estabelecessem. Em contrapartida, a situação da população negra recém liberta era diferente, visto que o projeto imigracionista fazia parte da estratégia das classes dominantes para a manutenção de relações desiguais de classe, raça e autoridade política, além disso, a predominância dos brancos imigrantes no âmbito de trabalho brasileiro levou à exclusão da população não-branca das ocupações valorizadas.

Os indivíduos não brancos foram direcionados para trabalhos subservientes, como serviços domésticos, empregos informais e trabalhos ocasionais, os quais ainda

prevalecem na realidade da população negra até hoje. Essa presença significativa de imigrantes brancos na formação do mercado de trabalho industrial influenciou também na distribuição racial no Brasil, sobretudo em regiões como São Paulo e nos estados do sul, onde a economia industrial estava em um crescente, surgindo assim, disparidades regionais em termos de oportunidades e desigualdades raciais. Disparidades essas que ainda são existentes atualmente.

Essas desigualdades são evidentes no mercado de trabalho brasileiro e embora ainda pareçam sutis para alguns, ao investigar historicamente o projeto construído estrategicamente para a manutenção da população negra na vulnerabilidade, fica fácil entender como essas discrepâncias se evidenciam até hoje. A distribuição geográfica e econômica dessas discrepâncias pode ser facilmente acessada, como por exemplo em uma pesquisa realizada pela DIEESE em 1999 mostra que, nas seis regiões metropolitanas que foram estudadas, os negros representam 41% da população em idade ativa, no entanto, ainda assim enfrentam dificuldades para acessar possibilidades de trabalho e empregos de qualidade (Silva, 2013).

Todo o histórico apresentado anteriormente contribuiu para que os imigrantes que chegaram ao Brasil ascendessem, enquanto a população negra seguiu um modelo de liberdade que não a possibilitava de forma segura a construção de uma vida digna, justa, com isonomia e verdadeira emancipação. A persistência das desigualdades, de gênero, raça e classe, especialmente para as mulheres negras no Brasil, dificultou o acesso, a permanência e ascensão dessas mulheres no mercado de trabalho, tornando assim indispensável a luta do movimento feminista negro por uma reparação revolucionária, que implique no enfrentamento dessas desigualdades no âmbito do gênero, da raça e da classe.

Ainda em uma perspectiva investigativa do período da escravização, Davis (2016) aponta para a importância de um estudo, do ponto de vista histórico e mais profundo, que trate de responder às dúvidas e mal-entendidos em relação à experiência de mulheres negras escravizadas. Não é apenas pela precisão histórica que um estudo desses deve ser realizado: as lições que ele pode reunir sobre o período escravista trarão esclarecimentos sobre a luta atual das mulheres negras e de todas as mulheres em busca de emancipação.

Após 135 anos da lei que sancionava a abolição da escravidão no Brasil, muito do que a população negra viveu durante essa época explica o que essa mesma população ainda enfrenta nos tempos atuais. Mulheres e homens negros ainda são

alvos de discursos que hipersexualizam seus corpos e os colocam no lugar da promiscuidade, vulgaridade e selvageria (Reis, 2022). Mulheres e homens negros ainda ocupam majoritariamente trabalhos subalternizados, sendo boa parte desses trabalhos reprodução de um padrão estabelecido ainda durante os anos de escravidão, onde a sua humanidade era retirada e os seus corpos eram vistos apenas como propriedade dos seus senhores (Alves, 2022).

Ainda que no século XIX houvesse a ideologia da feminilidade, que colocava as mulheres no lugar donas de casas, senhoras amáveis para os seus companheiros e mães protetoras, isso não contemplava a realidade das mulheres negras. Inclusive, o materno sequer era um direito das mulheres escravizadas. Ainda que seus corpos fossem avaliados de forma objetificada a fim de reproduzir e aumentar a mão de obra escrava, essas mulheres não eram reconhecidas como mães, apenas como. Uma vez que as escravizadas eram classificadas como “reprodutoras”, e não como “mães”, suas crianças poderiam ser vendidas e enviadas para longe, como bezerros separados das vacas (Davis, 2016).

Hoje, quando falamos da solidão da mulher negra, também estamos falando do genocídio dos jovens negros. Este genocídio interrompe o materno das mulheres negras, muitas vezes através do braço do estado, legitimando mais uma vez o imaginário dominante na sociedade segundo o qual essas mulheres não possuem o direito de serem mães, como também não possuem o direito de lutar por justiça, visto que corpos negros são cotidianamente marginalizados, como forma de ganhar o aval social para o seu extermínio. Mas não só isso, quando falamos da solidão da mulher negra, também falamos sobre a negação dos seus direitos básicos, como acesso a saúde, bem como a violência obstétrica que essas mulheres vivenciam, pois dentro do racismo existe a ideia de que mulheres negras são mais fortes e aguentam mais as dores (Saraiva; Campos, 2023).

Ainda sobre o materno e as heranças que o período escravagista deixou, no campo do trabalho, as mulheres negras continuam ocupando funções que escancaram como ao longo do tempo algumas dinâmicas foram apenas remodeladas para serem bem mais aceitas, como é o caso da trabalhadora doméstica e da babá, algumas vezes inclusive a trabalhadora cumprindo as duas funções. Este é um Nascimento chama de “cultura da discriminação” (Ratts, 2007). Nessa perspectiva do campo do trabalho, não é incomum encontrar mulheres negras que não tiveram a possibilidade de estarem presente no cuidado dos seus próprios filhos, presentes no

seu próprio lar, pela necessidade de trabalhar na casa de outras famílias que, em grande parte, são famílias brancas.

O debate sobre o papel e o significado da família negra e da mulher negra na história da sociedade brasileira nos ajuda a compreender muito desta história, sob o ângulo das relações público-privado e sobre como “a família negra” é uma construção sociopolítica e cultural, perpassada inclusive por discursos sociais e intervenções por parte do Estado. Esta é uma questão fundamental para pensarmos o que é a família negra da classe trabalhadora em tempos de neoliberalismo.

De acordo com Parra (2021), o conceito de neoliberalismo engloba as transformações econômicas e políticas que inicialmente foram implementadas pelos governos de Pinochet no Chile, Reagan nos Estados Unidos e Thatcher no Reino Unido, antes de se espalharem para outros países da Europa Ocidental e, posteriormente, chegarem ao Brasil através das diretrizes do Consenso de Washington. Entre as medidas adotadas, destaca-se a não interferência do Estado na economia como uma maneira de promover a liberdade individual. É nesse contexto que o neoliberalismo é abordado como um suporte para a consolidação do racismo estrutural.

Ainda segundo Parra (2021), o neoliberalismo pode ser compreendido de duas maneiras distintas. A primeira perspectiva se baseia em uma abordagem economicista, que se concentra nas instituições e políticas relacionadas à interação entre o Estado e o mercado. Já a segunda abordagem direciona-se aos princípios que orientam e conectam o Estado, os indivíduos e a subjetividade, revelando como essa ideologia influencia a formação das subjetividades na “nova racionalidade” neoliberal. Nesse sentido, o neoliberalismo exerce um poder que leva os indivíduos a se perceberem como reflexo do mercado, a se enxergarem como empresas.

Dentro do contexto neoliberal, o racismo é abordado como um aspecto individual, seguindo a premissa liberal de que todos são iguais perante a lei e também em relação ao mérito individual. Essa concepção meritocrática reforça a estrutura de desigualdade racial, ao mesmo tempo em que transforma os processos de racialização para criar uma suposta “neutralidade”, garantindo que a questão racial não seja um obstáculo para o sucesso. Dessa forma, a ideia de que o sucesso é alcançado unicamente por mérito pessoal, sem levar em consideração as desigualdades existentes, é utilizada para justificar a perpetuação das disparidades raciais. Portanto, o neoliberalismo atua como um fator que limita a compreensão da

natureza estrutural do racismo, contribuindo para a manutenção dos privilégios de uma classe em detrimento de outra.

De modo geral, em um modelo político-econômico neoliberal, é defendida a redução da interferência do Estado, tornando a perspectiva de direitos trabalhistas, diminuição da desigualdade de gênero, raça e classe, bem como o fim das estruturas de opressão uma tarefa cada vez mais difícil, o que recria o racismo e a herança colonial com novas roupagens. A mulher negra, elemento no qual se cristaliza mais a estrutura de dominação, como negra e como mulher, se vê, deste modo, ocupando os espaços e os papéis que lhe foram atribuídos desde a escravidão. A “herança escravocrata” sofre uma continuidade no que diz respeito à mulher negra (Ratts, 2007).

Essa herança se desdobra em vulnerabilidade, desigualdade e solidão. Quando falamos em solidão, a mulher negra ocupa um lugar forjado em ideias que legitimam esse como sendo o seu local de pertencimento. Solidão aqui, está para além do campo afetivo-sexual. Solidão aqui, trata-se também da maternidade interrompida pelo genocídio de jovens negros, do afastamento de seus filhos e maridos através do encarceramento em massa. Trata-se de mulheres negras que, através de muita luta e atravessamentos, alcançaram alguma mobilidade social por meio do estudo e/ou muito trabalho e se veem sozinhas no âmbito profissional.

Essa solidão também se expressa no encarceramento dessas mulheres, quando elas são abandonadas por seus familiares. Bem como no aspecto afetivo-sexual, quando seus corpos são hipersexualizados e encarados como não merecedores do amor genuíno, da presença e do companheirismo. A mulher negra defronta-se com a solidão na maternidade, no trabalho e no afeto. Neste sentido, é válido ressaltar a relevância do feminismo negro na oposição ao avanço do neoliberalismo. No contexto do Brasil, o neoliberalismo se distingue das outras formas ao estar intrinsecamente ligado a estruturas de racismo, capitalismo e patriarcado. Como resultado, surgem modelos complexos de opressão, onde diferentes formas de opressão se interseccionam.

Segundo o Boletim Especial de 8 de março publicado em 2023 pela DIEESE, das 11 milhões de mães solteiras e chefes de família, 62% são negras. Dentro desse subgrupo, 25% prestam serviços domésticos; 17% trabalham nos setores de educação, saúde humana e serviços sociais; e 15% no comércio. Já segundo o 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-

19 no Brasil (Rede PENSSAN, 2022), os lares chefiados por mulheres negras representam 22% dos que sofrem com o problema de insegurança alimentar, quase o dobro em relação aos liderados por mulheres brancas (13,5%).

Essas pesquisas revelam, por meio de dados, como o sistema capitalista neoliberal está profundamente enraizado na estrutura do racismo. Isso intensifica as disparidades raciais, uma vez que as famílias negras frequentemente enfrentam discriminação no mercado de trabalho e têm menos oportunidades de progresso social. Além disso, enfatiza a competição e o livre mercado, o que leva a uma concentração de riqueza nas mãos de poucos. Isso pode afetar negativamente as famílias negras, que geralmente têm menos recursos e acesso limitado a oportunidades econômicas.

Considerando que as mulheres negras são, em sua maioria, as responsáveis pelo sustento do lar e também o grupo que enfrenta os maiores desafios no mercado de trabalho brasileiro, ocupando empregos precários e informais, recebendo salários baixos, sofrendo com a falta de benefícios trabalhistas e enfrentando discriminação racial e de gênero, fica evidente como esse sistema estruturalmente racista afeta toda a família negra, afetando cada um de seus membros. Por essa razão, é fundamental implementar políticas que combatam o racismo e o sexismo, promovendo a diversidade e a inclusão social, além de valorizar a cultura afro-brasileira.

3 MEMÓRIA E ICONOGRAFIA: QUAL O LUGAR DAS FAMÍLIAS NEGRAS?

Diversas são as estratégias de manter viva uma memória. Algumas delas, como a escrita e a oralidade, podem ser atravessadas pelo tempo, preservação e desdobramentos. O exercício de lembrar, escrever e contar uma memória é também um exercício de resgate, reparação, referência, afeto e identidade de uma geração. Esse exercício também pode nos revelar a saúde dos nossos mais velhos, já que, para alguns, envelhecer perpassa pela ideia de esquecimento e da demência. A memória documentada, por exemplo, é uma ferramenta que impede o esquecimento. Há quem diga que um povo sem memória é um povo sem história, fadado a repetir antigos erros, não saber de si e dos seus. Assim, a memória como um lugar de ensinamento, de resistência, algo a ser reivindicado, de passado e construção de futuro.

Dessa forma, a escrita, a oralidade, a fotografia, a música, o cinema e os diversos tipos de documentação, exercem uma função fundamental no movimento contrário ao apagamento de uma história. É uma forma de reivindicar a memória, essa que vive em constante lugar de disputa no Brasil. Como na música *Diário de Um Detento* (1997), do maior grupo de rap brasileiro, os Racionais MC's, na qual é narrado, com detalhes, o massacre no antigo presídio Carandiru, ocorrido em 1992 na capital paulista. A música foi desenvolvida a partir do relato de Jocenir (2001), que estava presente no fatídico dia como indivíduo em reclusão. Essa, que é uma poesia quase palpável de tão intensa e detalhada, não nos permite esquecer um dos momentos mais perversos e cruéis da história brasileira, no que se refere aos direitos humanos, a corpos negros, justiça e segurança pública. Um momento em que o Estado comunicou de forma explícita e sanguinária como a população preta e pobre é tratada no Brasil. Este momento ficou conhecido como o maior número de mortes ocorridos dentro de um sistema de reclusão e também internacionalmente como uma das maiores violações dos direitos humanos.

O massacre no Carandiru, ocorreu no dia 2 de outubro de 1992 e foi retratado não somente no livro do Jocenir (2001), dando base para a poesia do Racionais MC's no seu álbum *Sobrevivendo no Inferno* (1997), como também no filme *Carandiru* (2003). Este é um exemplo de como a escrita, a oralidade e a arte são instrumentos de memória. Há também diversas fotografias chocantes desse terrível dia e para além disso, há uma lista de 111 nomes das vítimas assassinadas nesse massacre. Este número, inclusive, é contestado por sobreviventes e familiares, alegando que o número seria superior ao divulgado oficialmente. Nenhum policial morreu nesta ação. Nessa história, temos um movimento que buscou o não apagamento dessa tragédia brasileira, como também, temos corpos negros e famílias negras completamente inseridas nessa história e nessa memória.

Este é um exemplo de como a resistência e a reivindicação da memória é importante para impedir que se construa narrativas perversas em cima de famílias negras, bem como lutar por justiça e visibilidade. Essa é uma história de grandes proporções que pôde ser resgatada não só por pela oralidade de sobreviventes, trabalhadores, familiares, dados estatísticos e nomes, mas também pelos registros fotográficos, documentários e diversas reportagens. Toda a documentação visual e jornalística destacada até aqui, constitui o que chamamos de iconografia. A iconografia se dedica ao estudo detalhado da simbologia presente nas imagens.

Trata-se de uma análise que busca compreender a linguagem e a informação implícita àquela representação visual, abrangendo desde fotografias e pinturas até vídeos, esculturas e pinturas rupestres. Podemos considerar a iconografia como uma forma de interpretar as artes visuais e o que elas retêm, assim preservando a narrativa histórica daquela época.

Quando direcionada à sociedade brasileira, a iconografia emerge como uma porta de entrada para a compreensão da vasta e complexa história do país, desde os tempos pré-coloniais até os dias atuais. Ao analisarmos imagens como pinturas, esculturas e caricaturas, somos capazes de desvendar os hábitos, tradições e realidades sociais que contribuíram para a formação da identidade nacional. É por meio dessa análise que podemos também compreender as famílias e as suas sucessivas gerações.

Mesmo antes da chegada dos colonizadores portugueses, os povos indígenas que habitavam o Brasil já expressavam sua cultura e visão de mundo por meio da arte, sendo esses valiosos testemunhos de seus modos de vida, crenças e estrutura social. A análise iconográfica desses materiais, por exemplo, contribuiu significativamente para uma visão mais abrangente da sociedade brasileira naquele período, revelando aspectos da vida cotidiana que frequentemente são negligenciados pelos registros históricos convencionais. Em resumo, a iconografia emerge como uma ferramenta crucial para a compreensão da história. Por meio da análise de imagens, podemos desvendar os costumes, tradições, realidades sociais e eventos históricos que moldaram a identidade brasileira ao longo dos séculos. Através da iconografia, podemos evitar um possível apagamento, podemos reivindicar a história e a narrativa. Essa jornada através do tempo, guiada pelas imagens, nos convida a refletir sobre as raízes do Brasil através das gerações.

E como acontecimentos como o massacre do Carandiru em 1992, atravessam as gerações de famílias negras? Como é mantida e preservada as memórias, sejam elas boas ou ruins, memórias a serem celebradas e/ou reivindicadas, durante as gerações de um grupo familiar muitas vezes atravessados por vulnerabilidades, violências, racismo e negligências? Aqui, primeiramente, é preciso entendermos o que consideramos como geração o que nos fará perceber como a iconografia nos explica as transformações das gerações das famílias negras brasileiras.

Discutir a noção de geração é lidar com uma diversidade de significados e com certa imprecisão. Os estudos antropológicos definem a geração a partir da filiação e

das posições de cada um em relação a seus ascendentes e descendentes. Para a demografia, a geração é definida pelo ano civil, compreendendo as pessoas nascidas nesse período. Na sociologia, o critério central para a definição de geração é o compartilhamento de experiências e referências sociais e históricas por pessoas de uma mesma classe de idade, podendo-se incluir aí, a posição do indivíduo num sistema de proteção social (Attias-Donfut, 1991 *apud* Delgado, 2007).

Sobre a noção de geração, Delgado e Fuser (2012) analisam que:

A noção de geração social nos remete a um dos traços centrais da sociabilidade moderna: o ritmo acelerado das mudanças, a existência de uma dinâmica social intensa e a necessidade de transmissão de uma herança cultural no seio de um movimento constante de aparecimento e desaparecimento de novos grupos de idade ao mesmo tempo que de saída de participantes anteriores do processo de cultura. Trata-se aí do principal aspecto trabalhado por autores como Mannheim (1990) e Thompson (1998), que sublinham tanto a importância da geração na constituição de uma memória coletiva quanto desta última como herança social importante na avaliação de situações presentes (Delgado; Fuser, 2012, p. 7).

Segundo esta autora, para Mannheim um novo estilo de geração surge, pois, quando um ritmo acelerado de transformações enseja a percepção de um ritmo de renovação das gerações como marcos de distinção de novas fases da experiência social. A memória aparece neste contexto como elemento importante nesse movimento, uma vez que, através do esquecimento e da lembrança, acontece uma seleção entre os aspectos tradicionais e inovadores da cultura. Delgado e Fuser (2012) também lembram uma outra forma básica de tratamento da noção de geração encontrada nos trabalhos de E. P. Thompson. Para o autor, o capitalismo introduz uma nova forma de relação entre as gerações, pois os novos padrões de consumo desvalorizam as satisfações culturais tradicionais, bem como aumentam o limiar das necessidades o que contribui para uma ruptura dos laços e da transmissão entre as gerações, ou seja, para que as gerações não se coloquem como aprendizes umas das outras (Thompson, 1998).

De modo geral, todos esses autores apresentam uma questão que é, de fato, fundamental quando se trata das gerações, qual seja, a questão das tradições coletivas como parte da herança cultural de um grupo, constituindo bases para a avaliação de situações vividas no presente. Ao mesmo tempo indicam que, na moderna sociedade capitalista, tratar essa questão implica na compreensão de relações contraditórias que se estabelecem entre indivíduo e sociedade, determinações e mudanças, presente e passado (Delgado; Fuser, 2012).

A interação entre as gerações pode afetar não somente os relacionamentos familiares com o processo de tomada de decisões e a transmissão de tradições e valores ao longo do tempo, como isso influencia também no ambiente social, a construção de costumes, valores e eventos políticos e históricos de uma sociedade em uma determinada época. Conforme o período vivenciado por cada geração, acontecimentos, tradições e pensamentos podem ser transformados, perdendo-se ou acrescentando valor. A própria noção de família é um grande exemplo disso. Com o passar dos anos, os avanços por direitos da comunidade LGBTQIAPN+, as discussões sobre saúde mental e relações familiares tóxicas, as novas gerações já demonstram uma nova ideia de família.

A ideia de geração está intimamente ligada à influência das experiências na formação da identidade pessoal. No entanto, é essencial considerar os diversos fatores que contribuem para as diferenças sociais e como esses elementos se entrelaçam em contextos históricos específicos. Indivíduos da mesma geração, que nasceram na mesma época, compartilham um conjunto de experiências e eventos históricos que moldam a sua visão de mundo. Essas experiências comuns geram uma memória e consciência coletiva que perdura ao longo da vida, influenciando a maneira como interpretam e enfrentam novas situações e inclusive, situações que já se repetiram em tempos anteriores, mas que podem ser encaradas com novas ferramentas por uma nova geração.

Borges e Magalhães (2011) destacam que as diferenças geracionais estão na base do processo de transmissão cultural, sendo assim, devido à aceleração das mudanças socioculturais, as pessoas de diferentes gerações podem estar referenciadas a realidades muito diferentes, o que influencia a forma como cada geração experimenta as influências contemporâneas de maneira singular. “Assim, numa família, por exemplo, avós “tradicionais”, seus filhos “liberais” e os netos “tecnológicos” comporiam uma imagem que retrata um pouco essa realidade, embora este seja um retrato estereotipado” (*Ibid.*, 2011, p. 173).

Isso ressalta a diversidade de experiências e perspectivas entre as gerações, influenciadas pelas mudanças rápidas e constantes da sociedade atual. A transmissão de valores e a herança cultural são aspectos importantes discutidos no que se refere à relação entre diferentes gerações. As gerações anteriores da nossa família, são como testemunhas das transformações sociais e familiares, ressaltando seu papel como mediadores entre as gerações e transmissores de valores familiares. Aqui, mais

uma vez a preservação da memória se faz presente e necessária, pois estas memórias são incorporadas nas novas gerações e ainda que elas não tenham vivenciado ou ainda que elas não tenham lembrança, a memória foi preservada através da oralidade ou da documentação.

Dito isso, é importante destacar a relevância de discutir a estruturação material das famílias negras, a dificuldade de acumular patrimônio devido às condições precárias de trabalho e a necessidade de valorizar e preservar o patrimônio construído pelas gerações anteriores. Além disso, as autoras mencionam a ausência de testamento como um desafio enfrentado pelas famílias negras quando ocorre o falecimento de um membro, levando muitas vezes ao desmonte do patrimônio conquistado com esforço ao longo do tempo (Borges; Magalhães, 2011).

A partir referencial teórico que fundamenta este trabalho, baseado numa revisão e discussão já feitas por outros autores e inicialmente norteadas pelos trabalhos de Figueiredo (2012) e Rendeiro (2008), discutiremos sobre Iconografia de família. Sabendo que grupos familiares brancos e não brancos são atravessados por experiências cotidianas de formas diferentes, acessam e experienciam hábitos e tradições de formas diferentes, influenciando assim a sua vida afetiva, financeira, de construção e preservação do histórico familiar, decidi que essa pesquisa teria o recorte de famílias negras. A relação de famílias negras na construção e manutenção de um acervo iconográfico familiar.

Como já dito anteriormente, a fotografia é uma forma documental de registrar e preservar uma memória, é também uma importante ferramenta que possibilita entender historicamente o passado, construir narrativas para o presente e acessar a autonomia da autorrepresentação. Nenhuma fotografia é neutra, sendo assim, há também signos de uma construção social da época que pode ser acessada e compreendida ao acessar um álbum de foto familiar. Lima (2009) evidencia que, a partir do final da década de 1950 e com a baixa procura dos estúdios fotográficos e a popularização das câmeras analógicas, passou-se a existir a autonomia da autorrepresentação na fotografia e assim as famílias passaram a construir suas próprias narrativas visuais.

Pesquisar famílias negras e memória, através de material iconográfico, chama atenção para a possibilidade de entender como essas famílias se auto representam no mundo e como documentam a sua história através do imagético. A possibilidade de compreender quais as narrativas estão sendo construídas no presente, o que é

possível elaborar e sentir ao acessar o material gráfico do passado e entender o que está sendo pensado para o futuro é interessante no que tange a entender assim, a autonomia dessas famílias ao se auto representar e contar a sua própria história. Entender essas histórias.

Verificando a relação em famílias negras com acervo iconográfico familiar, será possível compreender como se dá a valorização desses arquivos documentais, como também entender o contexto cultural de uma época e a sua identidade no período do tempo, bem como analisar como famílias negras são afetadas emocionalmente ao visitar a sua história visual, preencher lacunas, construir e contar a sua própria narrativa. Sendo assim, a relevância dessa pesquisa se faz potente no que tange a possibilidade de compreender e preservar a memória de famílias negras, resgatar e dar autonomia para que construam a sua própria narrativa, bem como entender como tem sido feita a sua documentação pessoal e histórica.

4 ICONOGRAFIA DE FAMÍLIAS NEGRAS

Neste capítulo, vou apresentar e analisar a pesquisa de campo feita entre os meses de novembro e dezembro de 2023, na cidade de Salvador - Bahia. A pesquisa foi desempenhada com 3 famílias e foi feita da seguinte forma: elaboração de um roteiro (apêndice) com as perguntas pontuais que, conseqüentemente contribuíram para novas perguntas que surgiram conforme as respostas apresentadas, bem como divulgação o interesse na pesquisa através de uma rede social e escolhi duas famílias, fazendo assim, o contato através dessa rede e marcando o encontro para a realização das entrevistas¹ em suas casas.

Fui recebida muito bem, por ambas as famílias, que demonstraram interesse e entusiasmo na movimentação de contar sobre a sua própria história e sobre a sua família. Além disso, optei também por investigar minha própria família que tem uma relação muito significativa com a questão dos acervos fotográficos como mencionei anteriormente e também, é base fundamental na escolha deste tema, sendo considerada parte importante a ser entrevistada. Todo o processo da entrevista, gravação e consulta ao acervo fotográfico foi marcado por muita emoção, troca, afeto e memória.

¹ Os relatos serão mantidos em sua versão original para preservar as falas e sentidos atribuídos pelas pessoas entrevistadas.

As entrevistas foram gravadas com apoio da Faculdade de Comunicação da UFBA, que ofereceu suporte técnico em relação a todos os equipamentos utilizados para a gravação das entrevistas, com a intenção da elaboração de um minidocumentário, também como produto do Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado ao Colegiado de Serviço Social da UFBA. Além de gravadas por meio audiovisual, as entrevistas foram todas transcritas e analisadas, fundamentando assim parte importante desta pesquisa. O material audiovisual produzido, além de apresentado à banca avaliadora, também ficará disponível nos arquivos da Faculdade de Comunicação da UFBA. Desta forma e não por acaso, este trabalho também se tornou iconográfico. Ressalto aqui, que a realização da entrevista com a minha família foi feita pelo técnico e não por mim, possibilitando assim, que eu pudesse fazer parte da entrevista, seguindo, contudo, o mesmo roteiro.

4.1 AS FAMÍLIAS

Durante os meses de novembro e dezembro de 2023 eu realizei três entrevistas com as famílias escolhidas para este trabalho. Em novembro foi realizada no bairro da Palestina em Salvador, a entrevista com a família Sodré. A família Sodré é composta pelo pai, o senhor Aurenio, a mãe, Dona Conceição e a filha Micaela. O senhor Aurenio, um homem alto, forte, 59 anos, negro e trabalhador, que muito contribuiu para a entrevista, trazendo suas histórias, fazendo piadas, mas também implicando e reivindicando a sua fala algumas vezes. Como quando se recorda do período da pandemia do COVID-19, é interrompido por sua esposa e responde “Menina, ela pode falar por mim? Eu tô dizendo que pra mim foi bom! Eu fiquei em casa de boa, curtindo minha mulher, nós dois deitado lá” (informação verbal)².

² Entrevista concedida por AURENIO, CONCEIÇÃO e MICAELA em novembro de 2023, na cidade de Salvador/Bahia, realizada pela graduanda Bárbara Conceição Penacho dos Reis Gomes dos Santos.

Figura 1 - Aurenio, Micaela e Conceição



Fonte: Imagem da autora.

Dona Conceição, uma mulher de estatura mais baixa, 59 anos, negra de pele clara, trabalhadora na área da cozinha, inicialmente demonstrou certa timidez, mas conforme o desenrolar da entrevista se mostrou interessada, emocionada e envergonhada algumas vezes, principalmente com as insistentes brincadeiras do senhor Aurenio. Não foram raras as vezes em que ela pontuou o seu incômodo, como quando verbalizou “Para de falar besteira. Já tá me dando raiva já” (informação verbal)³.

Micaela, a filha, se mostrou o tempo todo o elo que dinamiza a casa. Uma mulher bem alta, forte, com 28 anos, negra de pele clara e cabelos cacheados, única que professa uma religião na casa, sendo ela evangélica. Também se mostrou muito interessada em escutar a história da própria família através dos pais, bem como se emocionou em alguns momentos ao revisitar as fotos, lembrar de familiares já falecidos e da sua infância. Micaela muitas vezes se mostrou curiosa na perspectiva dos pais diante de algumas fotos, seja com a mãe “Fale, mãe, dessa aqui que é de minha vó” ou com o pai “Fale dessa foto, comigo pequena” (informação verbal)⁴.

³ Entrevista concedida por AURENIO, CONCEIÇÃO e MICAELA em novembro de 2023, na cidade de Salvador/Bahia, realizada pela graduanda Bárbara Conceição Penacho dos Reis Gomes dos Santos.

⁴ *Ibid.*, 2023.

Figura 2 - Aurenio com sua filha Micaela



Fonte: Acervo familiar.

Momento esse que Aurenio aproveita para contar uma história interessante:

Menina, eu quis trocar essa menina na maternidade. Ela tava dopada [aponta para a esposa], na sala tinha seis pessoas, ou seja, seis criaturas que teve menina, só tinha um homem e aí eu chegando lá tava tomando umas duas, aí a mãe tava xingando o menino “Ah, eu queria uma mulher!”. Aí eu disse “senhora, eu to ouvindo a senhora dizer que queria uma filha mulher. Ta aqui e eu queria um filho homem. Se a senhora quiser nós troca na hora”. Ela tava dopada [a esposa], dormindo. A menina, ela aponta pra filha] deitada, quando eu ia pegar ela levar e pegar o menino a enfermeira chegou quase eu ia preso, mas eu ia trocar. Hoje é o meu coração, é a minha vida. Hoje é tudo (informação verbal)⁵.

⁵ Entrevista concedida por AURENIO, CONCEIÇÃO e MICAELA em novembro de 2023, na cidade de Salvador/Bahia, realizada pela graduanda Bárbara Conceição Penacho dos Reis Gomes dos Santos.

Nesta entrevista foi possível observar que a família ocupa um território muito familiar de fato, os vizinhos são seus próprios familiares de graus diferentes. O que eles, em alguns momentos, chamam de parentes. Esse foi um termo utilizado por todas as famílias entrevistadas, demonstrando uma certa diferenciação entre o que se considera família e o que se considera parente. Na família Sodré, por exemplo, eles consideram a família a composição que estava presente na entrevista e o primeiro filho de Dona Conceição, Luiz Cláudio, que possui 43 anos, fruto de outro casamento, mas que não mora com eles.

O bairro da Palestina em Salvador é o lugar que eles residem por mais de metade de suas vidas, Micaela, no entanto, viveu sua vida toda ali. Dona Conceição conta que a bisavó chegou no território quando era tudo mato e ali foi construindo moradia:

A minha avó chegou aqui, aqui era... era mato. Aí ela construiu uma casa, aí, uma casinha simples, aí foi desmatando o mato, fazendo sítio, tipo um sitiozinho, mas depois a família foi crescendo. Minha mãe (aqui ela se refere a vó), ela só tinha dois filhos, aí a minha mãe, que teve bastante filho, teve 12 filhos. Aí foi construindo as casas aqui, aí ficou minha mãe e minha vó morando aqui e aí depois que os netos foi crescendo e aí tá desse tamanho o lugar (informação verbal)⁶.

Figura 3 - Mãe de Dona Conceição, sua irmã e sua tia



Fonte: Acervo familiar.

⁶ Entrevista concedida por AURENIO, CONCEIÇÃO e MICAELA em novembro de 2023, na cidade de Salvador/Bahia, realizada pela graduanda Bárbara Conceição Penacho dos Reis Gomes dos Santos.

Aurenio, também cresceu no bairro, conheceu Dona Conceição após um primeiro casamento e se casaram. A casa que moram atualmente, no início era de barro e aos poucos a família foi construindo a casa de tijolos:

Nós começou assim, ó menina. A minha casa nem era de barro, era de tábuas, a gente pisava em cima das tábuas, porque em baixo era água. Eu e ela [aponta para a esposa]. Sua mãe me deu ali, aquele barraco pra gente morar. Dalí, a gente foi morar na casa de aluguel, aí sua vó deu isso aqui, aí nós construímos. Primeiro nós morou em casa de taipa aqui mesmo e foi construindo, construindo, construindo e hoje tem essa mansão (informação verbal)⁷.

Uma família de trabalhadores, em que os pais não tiveram os seus estudos completos justamente pela necessidade de trabalhar cedo. Micaela, a filha caçula, estudou no que é chamado comumente como centro da cidade de Salvador. Saindo da Palestina, um dos últimos bairros da cidade, ao lado da BR321, ela se direcionava diariamente para o bairro da Joana Angélica para concluir o seu ensino médio no Colégio Mário Augusto Teixeira de Freitas.

Aqui, acho importante pontuar que Teixeira de Freitas fez um grande estudo estatístico que apresentava a situação da seletividade e reprovação do ensino primário. Fase essa da educação, em que os pais de Micaela não puderam acessar e concluir com plenitude, pois precisavam trabalhar. Micaela, no entanto, se formou no ensino médio e no curso técnico de Enfermagem, mas não trabalha na área. O que é citado com certa frustração por Aurenio, apesar de agradecido por ela estar empregada “Agora, poucos anos depois que minha filha se formou, nós construímos uma coisa para ela se formar, se formou, mas não consegue fazer a função que se formou. Mas hoje, o trabalho que ela faz, ela ajuda a gente aqui no que pode” (informação verbal)⁸. Ao sinalizar que a filha não trabalha na área em que estudou, ele escancara assim, a dificuldade enfrentada pelas novas gerações de encontrar empregos em suas áreas de estudo e profissão, ainda que estejam qualificadas. Contudo, Aurenio e Dona Conceição demonstram muito orgulho pelo fato de Micaela e seu irmão Luiz Claudio terem o ensino médio completo.

Não é difícil compreender a forte relação que existe para essas famílias entre a educação e o trabalho. Principalmente quando olhamos nas gerações anteriores para as colocações de quem teve acesso aos estudos e quem precisou parar de estudar para trabalhar. Aurenio e Conceição não estudaram, pois precisaram trabalhar e

⁷ Entrevista concedida por AURENIO, CONCEIÇÃO e MICAELA em novembro de 2023, na cidade de Salvador/Bahia, realizada pela graduanda Bárbara Conceição Penacho dos Reis Gomes dos Santos.

⁸ *Ibid.*, 2023.

acreditaram que a possibilidade de acessar a educação e uma formação técnica e/ou acadêmica é o que transformaria a vida da filha Micaela. No entanto, apesar do orgulho em ter possibilitado a formação da filha, hoje eles percebem que, se isso era um fator determinante para um trabalho mais qualificado, um trabalho mais bem remunerado, na atualidade, já não é mais.

O histórico familiar de Aurenio e Conceição também foi de trabalhos subalternizados, como Dona Conceição lembra ao falar da mãe e da vó:

Minha mãe nunca trabalhou e minha vó trabalhava na roça. Ela, quando ela veio para aqui com os dois filhos, fugida do primeiro marido dela, ela trabalhava na roça. Aí depois que ela veio fugida, ela ficou... morou em Águas Claras, depois que ela veio para aqui, aí ela trabalhava na pedreira, quebrando pedra. Aí ela quebrava pedra e depois ela parou de trabalhar e ela fazia assim cocada, lelê, essas coisas para vender fora. E minha mãe nunca trabalhou (informação verbal)⁹.

Nas palavras de Conceição e nas palavras de Aurenio, ao revisitar a memória de suas mães, é possível notar duas coisas: o não reconhecimento do trabalho doméstico e a violência contra a mulher. Dona Conceição enfatiza que a avó veio para Salvador fugida do marido que vivia na roça. Neste mesmo ponto, Aurenio revisita a memória da mãe e diz que a mãe nunca trabalhou. “Sempre teve do bom e do melhor. Sofreu muito. Meu pai, ó... (faz sinal que remete a agressão). Meu pai era mulherengo, chegava em casa e batia muito na minha mãe. Nunca trabalhou, sempre foi os filhos. Sempre!” (informação verbal)¹⁰.

⁹ Entrevista concedida por AURENIO, CONCEIÇÃO e MICAELA em novembro de 2023, na cidade de Salvador/Bahia, realizada pela graduanda Bárbara Conceição Penacho dos Reis Gomes dos Santos.

¹⁰ *Ibid.*, 2023.

Figura 4 - Irmã de aurenio, Aurenio, a mãe e Micaela



Fonte: Acervo familiar.

Além de não reconhecer o trabalho doméstico exercido pela mãe e lamentar as agressões sofridas por ela pelo próprio pai, Aurenio também lamenta muito a ausência de Dona Ana Maria, sua mãe, e salienta como ela era o elo forte entre a família. Ele diz:

Minha mãe era especial. Ela não gostava de ver ninguém triste, ninguém. Se nós chegasse na casa dela domingo, aí nós sentava, tava conversando, todo mundo só conversando... Daqui a pouco ela saía e quando ela vinha era com 4, 3 cervejas “Vocês estão triste por causa disso” Aí começava o domingo de todo mundo. Minha mãe era... Quando minha mãe faleceu, eu disse no enterro “Acabou nossa família” e dito certo, menina. Acabou mesmo. Todo mundo partiu pra seu lado, todo mundo. Um é brigado com o outro, um não fala com o outro, mas acabou mesmo. Minha mãe era quem unia a família. Meu pai só pensa nele e em dois netos que ele tem e em uma filha. Porque depois que minha mãe faleceu, nunca mais ela (se refere a irmã) ficou doente, nunca mais na vida dela. Nunca mais na vida dela minha irmã ficou doente. Quando minha mãe era viva em oito em oito dias essa menina tinha crise, ficava sem andar, ficava sem falar. Depois que minha mãe morreu... (informação verbal)¹¹.

¹¹ Entrevista concedida por AURENIO, CONCEIÇÃO e MICAELA em novembro de 2023, na cidade de Salvador/Bahia, realizada pela graduanda Bárbara Conceição Penacho dos Reis Gomes dos Santos.

Já durante o mês de dezembro, foi realizada a entrevista com a família Pinheiro. Essa família é composta por Dona Jannaci e a sua filha Alana Karolyne, sua única filha. Dona Jannaci uma mulher negra, gorda e alta, 67 anos, professora e estudante de Serviço Social em uma faculdade privada na cidade de Salvador, mudou com sua família da cidade de Alagoinhas para a cidade de Salvador, sendo Dona Jannaci a filha mais nova de sete filhos.

Figura 5 - Dona Jannaci e sua filha Alana



Fonte: Imagem da autora.

Jannaci explica:

Nasceu todo mundo em Alagoinhas, só as mais velhas mesmo, que nasceram uma em Rio Real, a outra em Almeida Brandão, que era Nicinha. Que meu pai era da Leste e ele chefe de estação. Então, ele levava um período numa estação coordenando aquele trabalho todo. Aí, quando encerrava aquilo ali, ele vinha. E foi um homem que começou a trabalhar com nove anos de idade (informação verbal)¹².

Alana, filha de Jannaci, é uma mulher negra, 29 anos, gorda, de cabelos cacheados, formada em Moda, Geologia, B.I de Artes e agora cursando Jornalismo na Universidade Federal da Bahia. Trabalhando hoje com audiovisual, sempre viu nos estudos o caminho para ser alguém na vida e quem sabe, sair da pobreza. Alana diz:

Eu sempre fui muito incentivada a estudar, a me dedicar aos estudos que pelo menos era a única coisa que eu ia conseguir, mesmo sendo uma pessoa pobre. E enfim, situação meio delicada, sem pai presente. Então, sempre foi incentivado que eu estudasse. E mesmo tendo esses percalços durante o técnico, médio técnico, eu também não tinha me encontrado, né, eu não tinha me encontrado e sempre foi tentando, estudando mais para poder ver se eu

¹² Entrevista concedida por JANNACI e ALANA em dezembro de 2023, na cidade de Salvador/Bahia, realizada pela graduanda Bárbara Conceição Penacho dos Reis Gomes dos Santos.

me encontrava em alguma área. E aí realmente achei e me encontrei na área de audiovisual, comunicação e cada vez mais tento buscar conhecimento para tentar melhorar, me melhorar como profissional, enfim, ajudar a aumentar o conhecimento (informação verbal)¹³.

Figura 6 - Alana em seu primeiro ano na escola



Fonte: Acervo familiar.

Diferente da Família Sodré e da Família Penacho, a educação sempre esteve muito presente na Família Pinheiro. Dona Jannaci fala com orgulho sobre a jornada acadêmica e profissional das gerações da família, passando por suas irmãs, até os seus sobrinhos:

As outras todas chegaram a tirar o primeiro grau, até o oitavo ano, tiraram. Que antigamente, né? 40, 50 anos atrás, que elas foram dessa época. Pessoas de 70 de 80. (...) Os sobrinhos todos estudaram. Quem não estudou, quem não fez faculdade, fez curso técnico. Porque a maioria deles trabalhou na Petrobrás. Meus sobrinhos, a maioria (informação verbal)¹⁴.

¹³ Entrevista concedida por JANNACI e ALANA em dezembro de 2023, na cidade de Salvador/Bahia, realizada pela graduanda Bárbara Conceição Penacho dos Reis Gomes dos Santos.

¹⁴ *Ibid.*, 2023.

Ela também cita a relação dos pais com a educação quando diz: “Eram semianalfabetos eles, mas escreviam, escreviam. Mas tinha o dom da palavra, viu? Tinha um dom da palavra todos dois” (informação verbal)¹⁵.

Figura 7 - Dona Jannaci em 1974, na sua colação de grau



Fonte: Acervo pessoal.

Jannaci é uma evidente entusiasta dos estudos. Nunca parou de estudar e faz questão de deixar claro o seu amor pela educação, hoje, aos 67 anos ela é estudante do curso de Serviço Social em uma faculdade privada na cidade de Salvador. Ela diz:

Olha, eu não só tenho o curso de Serviço Social. Eu fiz teologia, eu já fiz técnico em contabilidade, fiz também um curso de, depois de teologia quando eu fiz lá no ISBA, foi Comunicação Pastoral, que não era nível superior,

¹⁵ Entrevista concedida por JANNACI e ALANA em dezembro de 2023, na cidade de Salvador/Bahia, realizada pela graduanda Bárbara Conceição Penacho dos Reis Gomes dos Santos.

porque o governo não aprovou a faculdade. Depois de tudo pronto, depois todo mundo ter feito TCC e tudo, aí não aprovou. Então, ficou como curso de especialização. Depois, na pandemia eu me interessei, já que eu fiquei com esse problema todo... Não podia ir pra faculdade, aí a própria faculdade disse é melhor trancar para não ficar com dívida, porque não vai ter aula, você não vai vim no espaço que você está, você não pode frequentar, porque morreu muita gente, foram 22 só lá no abrigo. Aí eu comecei a fazer os cursos de especialização em TEA, APV, de aba. Sempre eu estou fazendo. Tem mais de cinco cursos, ou mais. Alfabetização com meninos com deficiência, PCD e contínuo, nunca parei, eternamente eu sou uma estudante (informação verbal)¹⁶.

Essa relação com os estudos veio desde a infância, até mesmo da relação com os pais, ainda que os mesmos fossem semianalfabetos como afirma Jannaci:

Eram semianalfabetos eles, mas escreviam, escreviam. Mas tinha o dom da palavra, viu? Tinha um dom da palavra todos dois. (...) De dentro de casa, que mesmo mamãe sem ter tanto estudo, ajudava, ensinava a tabuada, aquela coisa, entendeu? Esse tipo de coisa e papai era ler. A gente não ia brincar na rua com ninguém, porque ele comprava as pilhas de livro e revistinhas. Tanto que todo mundo gosta de ler, todo mundo lê livro. Eu lembro sempre. A minha lembrança é essa, Nicinha sentada com o livro na mão a tarde toda lendo as revistas, a revista Manchete, Cruzeiro... Essas revistas nunca faltou lá em casa (informação verbal)¹⁷.

Essa relação com o conhecimento foi passada para Alana que durante a sua jornada acadêmica, pôde se debruçar sobre diferentes áreas e mesmo com os constantes desafios sendo uma mulher negra, não desistiu dos estudos. Diz Alana:

No início, minha relação com a educação era meio complicada. No início, eu gostava muito de estudar quando era pequena, até que cheguei ao ensino médio e aí o ensino médio técnico meio que eu me deparei com algumas dificuldades e certas opressões dentro do ambiente de sala de aula, de professores invalidando o seu conhecimento, enfim, tendo realmente abuso de autoridade mesmo de chegar a falar que a pessoa era burra, só por não estar encaixada naquela área de conhecimento. Então, tive esse passado aí, meio que traumático de questionar mesmo o quanto a minha inteligência, quanto ao meu conhecimento, mas pelo menos eu nunca desisti no meio do caminho de estudar. Eu sempre me propus a terminar tudo o que eu comecei a fazer, então terminei o técnico e quando estava fazendo técnico eu terminei Moda. Eu estudei Moda, fiz Moda pelo PROUNI (informação verbal)¹⁸.

¹⁶ Entrevista concedida por JANNACI e ALANA em dezembro de 2023, na cidade de Salvador/Bahia, realizada pela graduanda Bárbara Conceição Penacho dos Reis Gomes dos Santos.

¹⁷ *Ibid.*, 2023.

¹⁸ *Ibid.*, 2023.

Figura 8 - Alana, Jannaci e o sobrinho no encerramento do ano letivo em 2000



Fonte: Acervo familiar.

Residindo no bairro do Santo Antônio Além do Carmo, a família possui boa relação com o território. Também possuem alguns familiares que ainda moram nas proximidades, no entanto nos últimos anos sofreram grandes perdas. Quase todas as irmãs de Dona Jannaci, tias de Alana, que moravam ali no mesmo bairro, vieram a

falecer. Anteriormente Jannaci e Alana moravam na mesma casa que as irmãs/tias, mas hoje moram sozinhas. Mãe e filha demonstram uma relação muito forte e íntima, consideram o núcleo que ali ficou, como o núcleo familiar e entendem que agora elas só têm uma a outra, após a perda de Conceição e Nicinha, ambas irmãs de Jannaci e tias de Alana.

Figura 9 - Nicinha, irmã de Jannaci e tia de Alana, em 1988



Fonte: Acervo familiar.

Nice, carinhosamente chamada de Nicinha, teve um papel crucial na educação de Alana que lembra da tia durante a entrevista ao olhar para a foto com muita emoção:

Eu sinto saudades, porque minha Tia Nice foi uma pessoa essencial, assim, para minha vida, que ajudou minha mãe a me criar. Depois que minha mãe saiu da Piedade, a gente veio morar aqui no Santo Antônio. Me defendia de porrada de minha mãe, quando eu aprontava. Ela falava “Não, deixa a menina” tenho saudades dela. Ela foi uma pessoa importante, né, para construir quem eu sou. Uma das incentivadoras também na questão de educação, de estudar e enfim, tenho saudade de minha tia. Não só dela, né, Tia Leu também, mas é que Tia Nice sempre foi a minha favorita das tias, enfim... (informação verbal)¹⁹.

Hoje, essa família majoritariamente formada por mulheres, por conta das consecutivas perdas ao longo dos anos, adoecimento e distanciamento de alguns familiares, se reconhece muito dentro do núcleo mãe e filha. É possível notar que essa relação sempre foi muito forte, tendo Alana a mãe como sua principal figura de importância na vida, já que Alana cresceu com o abandono paterno. Mas se antes esse núcleo era fortalecido e manejado por uma presença maior de mulheres, agora, esse núcleo se fortalece e se mantém unido principalmente entre mãe e filha.

Figura 10 - Jannaci e sua filha Alana, em seu aniversário de 2 anos



¹⁹ Entrevista concedida por JANNACI e ALANA em dezembro de 2023, na cidade de Salvador/Bahia, realizada pela graduanda Bárbara Conceição Penacho dos Reis Gomes dos Santos.

Fonte: Acervo familiar.

Já na minha família, que aqui eu me refiro como família Penacho, a entrevistada ocorreu também no mês de dezembro pelo técnico e editor audiovisual Érik Lima. A minha família é composta por mim, minha mãe, meu irmão e meu pai. No entanto, a entrevista foi feita comigo e minha mãe, pois o meu irmão não se encontrava na cidade e meu pai, separado da minha mãe, mora em outro bairro de Salvador.

Minha mãe, Dona Ubiraci Penacho, é uma mulher de 73 anos, negra, de estatura baixa, com cabelos brancos e curtos, aposentada, semianalfabeta e muito apegada ao território em que vive, a Baixa dos Sapateiros. Eu, Bárbara Penacho, sou uma mulher negra, de 30 anos, formanda no curso de Serviço Social da Universidade Federal da Bahia, cotista e a primeira da família a cursar o ensino superior.

Figura 11 - Dona Ubiraci, o cachorro João Paulo e Bárbara Penacho



Fonte: Erik Lima.

Nascida e criada também na Baixa dos Sapateiros, eu sempre estudei no que é considerado o “centro da cidade”, sem nunca ter necessitado me deslocar para muito longe, ou pegar transporte público para estudar, até ingressar na UFBA em 2015. Devido aos diversos atravessamentos ocorridos no âmbito familiar e pessoal, a minha formação acadêmica teve a duração de quase 10 anos e se encerra (ou não) com este trabalho muito simbólico para minha jornada até aqui: estudar famílias negras e suas memórias.

Como dito anteriormente, este trabalho teve como base um acontecimento pessoal. Possivelmente no meu aniversário de 8 anos, ocorreu um incêndio na minha casa. Essa casa que é tão antiga, pequena, atualmente com um espaço de um quarto-sala, um quarto e um banheiro, antigamente era ainda menor, não possuía banheiro dentro do ambiente e já chegou a abrigar mais de 10 pessoas neste mesmo espaço. Quando uso o termo “possivelmente” para me referir ao meu aniversário em que a casa passou pelo incêndio, é justamente porque com a deterioração de tudo que tínhamos naquele momento, também se perdeu um pouco da memória. Essa linha do tempo das nossas vidas sofreu um impacto que, até hoje, não sabemos afirmar ao certo se aconteceu no meu aniversário de 7 ou de 8 anos. As memórias são confusas e este evento foi um marco para que passasse a existir não só a confusão de memórias, como a falta quase completa dessas memórias visuais.

Quando eu era criança, meu pai trabalhava com fotografia. Sempre foi um homem encantado em registrar os momentos e por isso, eu possuía muitos álbuns de fotos. Álbuns gigantescos que registravam aniversários, passeios, reuniões familiares e consequentemente outros momentos da família. Não é difícil imaginar que nesta casa que antecedeu o incêndio, havia imagens dos meus avós maternos, por exemplo, ou do meu irmão em sua infância, ou da minha mãe e meu pai em sua juventude ou mesmo, naquela época em si, os anos 90. Essas imagens seriam de grande importância, já que eu não conhecia os meus avós maternos, no entanto, com o incêndio tudo se perdeu e hoje, as pouquíssimas fotos que nós temos ou foram fruto de doação de outras pessoas ou foram tiradas posteriormente a este evento traumático.

Figura 12 - Eu ainda criança, em algum carnaval



Fonte: Foto doada por um amigo do meu pai.

Este evento traumático possivelmente mexeu na linha do tempo da nossa memória também. Isso nos dificulta delimitar quando determinadas situações aconteceram de fato, além da ausência palpável de registros históricos da nossa família. Minha mãe e meu pai, ambos são semianalfabetos. Minha mãe foi proibida pelo pai de frequentar a escola ainda criança, pois sofria o que chamamos hoje de *bullying* e a alternativa que o meu avô achou mais adequada, sendo ela uma menina, era que simplesmente parasse de estudar. Meu tio, irmão da minha mãe, não sofreu a mesma proibição, inclusive tendo a oportunidade de seguir os estudos, passar em uma faculdade de Medicina, mas optar por largar este caminho e seguir o seu sonho de ser músico. O tio a quem me refiro aqui, é o senhor Ubirajara Penacho dos Reis (*in memoriam*), mais conhecido como Bira do Jô. E não, eu não possuo nenhuma foto com ele, tão pouco minha mãe. Ele foi embora cedo para São Paulo, trabalhou,

construiu família e minha mãe se manteve aqui em Salvador, na mesma casa em que cresceu com os pais, o irmão e os primos.

Não saberia informar se a ausência de informações das pouquíssimas fotografias que possuímos se dá pela falta do conhecimento na escrita, impossibilitando que meus pais colocassem certas informações atrás das fotos ou se essa ausência se dá porque algumas imagens não nos pertenciam, foram doadas e então pode não ter havido interesse em registrar informações. Um exemplo disso é uma foto que gera algumas discussões. Minha mãe, hoje uma senhora de 73 anos, aparece em uma foto antiga sentada com um bebê no colo, mas não sabe informar com certeza se esse bebê sou eu ou meu irmão. No fim, chegamos à conclusão que sou eu, já que aparentemente o bebê está de saia e minha mãe não parece tão jovem na casa dos 26, idade em que ela teve meu irmão.

Figura 13 - Minha mãe Ubiraci comigo no colo, em 1993



Fonte: Acervo familiar.

Hoje a minha família possui pouquíssimos registros fotográficos. Com a gentileza de alguns amigos, durante a produção deste trabalho de conclusão de curso, conseguimos acessar algumas imagens e revisitar essa memória visual que se perdeu. Um exemplo disso, é a própria família Pinheiro, visto que durante a minha infância, estudei com a entrevistada Alana Karolyne. Além de estudar com ela, nossas

famílias foram próximas por um período, sendo assim, participei de um aniversário dela. Ao visitá-la para produzir a entrevista, além de me debruçar sobre a infância e história de vida da família dela, também pude me ver.

Figura 14 - Eu de vestido azul e Alana, ao meio, de blusa vermelha



Fonte: Acervo família Pinheiro.

Essa tentativa de resgate das imagens ocorreu também com uma família que no passado foi nossa vizinha e apesar de algumas promessas de nos encontrar, entregar algumas fotos para que pudéssemos fazer uma cópia, isso não ocorreu. Essa família, inteiramente branca, também tinha o mesmo costume de registrar os momentos e eu como uma das únicas crianças da mesma idade naquele território, era a única amiga que frequentemente aparecia nas fotos com a única criança da família. Éramos amigas. Naquela altura, só tínhamos uma à outra, pois éramos as únicas crianças do território. Existem centenas de registros de minha infância e adolescência nos álbuns dessa família, no entanto, mesmo após alguns pedidos, não foi possível visitá-los. Eu possuo somente uma foto que me foi entregue há muitos anos, com um risco forte no meu rosto. Na imagem, estou abraçada ao pai da minha então amiga e na outra ponta

está ela. De diversos registros que possuímos juntas, este, com meu rosto riscado, foi o único que me foi ofertado.

Figura 15 - Eu, o pai de uma amiga e a amiga



Fonte: Acervo pessoal.

Posterior a este período da vida, as fotos que ainda nos restam foram tiradas após o episódio do incêndio. Eu, minha mãe e o meu pai precisamos nos retirar daquele território. Minha mãe, que sempre morou na Baixa dos Sapateiros, foi comigo para o bairro San Martins e se encontrou pela primeira vez fora da sua localidade. Nós fomos abrigadas por uma prima. Meu pai, naquele momento, escolheu voltar a morar no bairro onde nasceu, no Pau Miúdo, e ficou na casa dos meus avós. Aqui, entramos em uma parte interessante da minha história. Apesar de ter conhecido os meus avós paternos, convivi com eles apenas na minha infância e por desafetos familiares, esse convívio foi interrompido. Quando meus avós paternos faleceram, eu já não tinha convívio e nem mesmo lembrança visual de como eles eram. Essa memória só foi

resgatada posteriormente, já na vida adulta, ao revistar a casa deles e acessar algumas imagens.

Figura 16 - Quadro dos meus avós na casa deles



Fonte: Acervo familiar.

Aqui fica evidente a importância da iconografia: ao rever esta imagem acima, eu me recordei dos meus avós. Me recordei dos almoços de domingo. Me recordei de como eu gostava de ficar deitada no quarto deles e de como eu achava o meu avô um homem bonito. Também pude recordar que dormia muitos fins de semana em sua

casa e ali eu tinha mais liberdade para brincar na rua e com outras crianças. Crianças mais parecidas comigo. Essa memória quase sensorial só foi desbloqueada ao olhar para o quadro que abriga a imagem dos meus avós cortando um bolo, provavelmente comemorando algum aniversário de casamento. Eu, que sempre tive uma narrativa de “Ah, eu não tive avós” pude me lembrar que sim. Eu tive avós, conheci alguns deles e pude conviver, ainda que pouco. Lembrei que fui amada, acolhida, que tive uma infância com outras crianças e que convivi com outros familiares. Uma imagem foi responsável por desbloquear um tanto dentro de mim.

4.2 UMA TENTATIVA DE INTERPRETAÇÃO: SOBRE LAÇOS DE AFETO, RESISTÊNCIAS E TRANSMISSÕES INTERGERACIONAIS

A experiência de visitar as famílias e ter a possibilidade de acessar um pouco da história de vida delas através das imagens e da oralidade, foi realmente algo muito bonito. Aqui eu me refiro à beleza de poder presenciar uma estrutura familiar com toda a sua bagagem, traumas, afetos, lutos, desavenças e contradições. A beleza de ouvir e assistir a humanidade dessas famílias negras que aceitaram abrir suas histórias e dividi-las comigo. A beleza de revistar e retomar a história da minha família também.

Fui muito bem recebida em todas as casas que visitei. Além de ser bem recebida, pude perceber um cuidado em me deixar à vontade, um interesse genuíno em contribuir com a pesquisa e sobretudo, um certo entusiasmo em estar ali para contar a sua história, em ser protagonista de uma pesquisa, em ser escutado, olhado, questionado e se questionar. Todos os encontros, inclusive o com a minha mãe, me emocionaram profundamente e me fizeram ter a certeza da relevância desta produção. Aqui, cabe dizer como esse elemento subjetivo e minha proximidade com o tema são significativos na pesquisa, na medida em que possibilitaram, justamente, um vínculo de confiança e afeto com os entrevistados. Longe de ser um problema, essa é também uma questão passível de análise e, aqui, ela é entendida como parte da própria entrevista, como um elemento que ajudou a produzir a narrativa do meu entrevistado, produzir a “semantificação” ou o sentido assumido pela narrativa. (Delgado, 2007)

Existe uma beleza quase palpável e tocante nas famílias negras e essa beleza, com certeza, é atravessada pela resistência de suas histórias e gerações. A singularidade de cada família, sobretudo de cada sujeito — revelando aquilo que o

rapper MV Bill reivindica em sua letra Só Deus Pode Me Julgar (2022), onde ele diz “Preto, pobre, é parecido, mas não é igual” — se apresentou ali, diante dos meus olhos e ouvidos: nosso povo é diverso e apesar das semelhanças que nos atravessam, há também muita diferença e possibilidades de acesso completamente distintas que esses sujeitos tiveram.

A exemplo da Família Pinheiro, uma família majoritariamente formada por mulheres e que teve em sua base a educação como ferramenta fundamental na construção de seus membros. Apesar do patriarca e a matriarca não acessarem os estudos e serem semianalfabetos, todos os filhos e posteriormente netos e sobrinhos, tiveram acesso aos estudos e levaram isso com grande importância. Uma família de mulheres, onde todas as filhas estudaram, se formaram, sendo duas professoras e repassando isso para os seus filhos.

A educação tem um papel crucial na vida da classe trabalhadora no Brasil, tanto no passado quanto no presente, sendo vista como um bem valioso a ser transmitido de geração para geração. Essa visão é influenciada por diversos fatores sociais, econômicos e históricos, em que a educação é considerada uma importante ferramenta de mobilidade social, oferecendo uma chance de ascensão e melhoria de vida para muitos trabalhadores. No entanto, ao analisar o passado e observarmos as barreiras enfrentadas pela classe trabalhadora para acessar e continuar a educação, como a falta de infraestrutura escolar em áreas urbanas periféricas ou rurais e a necessidade de trabalhar desde cedo para ajudar no sustento da família, é possível perceber que apesar das mudanças ao longo do tempo, muitos desses problemas ainda persistem na realidade atual.

Figura 17 - Dona Jannaci e suas irmãs no aniversário de 74 anos da sua mãe, ao centro da foto



Fonte: Acervo familiar.

Diferente da família Pinheiro, o núcleo da família Sodré — formado por pai, mãe e filha —, não tiveram os mesmos acessos à educação. Seu Aurenio precisou parar de estudar ainda criança para trabalhar e Dona Conceição, da mesma forma, hoje apenas sabe escrever o seu nome, sendo Micaela, a filha, a primeira a concluir um curso técnico, se tornando Técnica em Enfermagem. Aqui a família Sodré e a família Penacho se encontram no que diz respeito à educação.

Minha mãe, Ubiraci Penacho, parou de estudar ainda criança e o meu pai também. Meu irmão concluiu o ensino médio e eu, após algumas dificuldades em me habituar a estrutura colegial, abandonei o colégio e me formei pelo ENEM, utilizando essa mesma nota para adentrar a universidade.

Como mencionado anteriormente, as gerações mais velhas no Brasil, especialmente a classe trabalhadora, enfrentam dificuldades históricas para acessar a educação. Essas dificuldades são históricas e estruturais, como a falta de uma base educacional em áreas urbanas periféricas ou em zonas rurais, a desigualdade social e econômica, forçando os jovens a trabalhar antes de concluir os estudos e a ausência de políticas públicas adequadas para esse grupo. Esses fatores contribuem para o

aumento das dificuldades de acesso à educação, levando a taxas mais elevadas de abandono escolar e analfabetismo.

A minha mãe, Dona Ubiraci, semianalfabeta, teve os seus estudos interrompidos por decisão do pai. Naquela época e para aquele senhor que eu não conheci nem mesmo por fotografia, devido ao *bullying* que a filha sofria na escola, era mais fácil parar de estudar. Como dito anteriormente, o mesmo não aconteceu com o irmão da minha mãe. Ao filho, foi dada a oportunidade de continuar seus estudos, a filha restou a escolha de uma suposta proteção contra *bullying* (ou racismo) e o encerramento dos estudos. Essa foi uma decisão que impactou diretamente na vida da minha mãe, que cresceu tendo trabalhos subalternos, pouco valorizados e uma dificuldade imensa de acessar certos lugares pelo constrangimento de não saber ler e escrever. Historicamente, as meninas tiveram menos acesso à educação em comparação com os meninos, ao considerarmos que em determinado período da nossa história a presença das meninas nas escolas foi restringida, dando prioridade à educação dos meninos (Hahner, 2011).

Esse fenômeno era fortemente influenciado pelo patriarcado, sistema social baseado em uma cultura que posiciona os homens — em especial o homem branco, cisgênero e heterossexual — em um lugar de superioridade no qual tem o direito de exercer domínio sobre outras pessoas (Musa, 2022), bem como pela divisão sexual do trabalho, que tange a desigualdade na distribuição de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres, intensifica a desigualdade de gênero e reforça estereótipos limitantes. Dessa forma, o patriarcado e a divisão sexual do trabalho se alimentam mutuamente para sustentar a estrutura desigual de poder, colocando as mulheres como as principais responsáveis pelo lar e pelos cuidados da família. Segundo Vazquez e Falcão (2019):

Devemos problematizar a percepção que as mulheres têm, de um modo geral, da sobrecarga de trabalho (produtivo e reprodutivo) que exercem em sociedade. Dentro da lógica do patriarcado, a internalização da função de cuidadora por parte das próprias mulheres é extremamente necessária para a manutenção desse sistema de dominação de gênero (Vazquez; Falcão, 2019, p. 386)

Assim, as meninas eram incentivadas a se concentrar nesses papéis domésticos desde a sua infância, enquanto os meninos eram encorajados a buscar educação formal, qualificação profissional e a desempenhar papéis fora de casa, contribuindo para a manutenção de uma hierarquia econômica e social. Já na vida

adulta, minha mãe desenvolveu o interesse em aprender a ler e fez isso de forma autônoma após se tornar membro de uma igreja e querer acessar os livros da doutrina Messiânica. “Eu sou membro da Igreja Messiânica e aqui foi uma viagem que a igreja fez pra Maceió. Uma caravana e eu fui em 2015. Eu entrei na igreja em 2007” (informação verbal)²⁰.

Figura 18 - Dona Ubiraci na caravana da Igreja Messiânica em Maceió



Fonte: Acervo pessoal.

Aqui podemos analisar como a educação exerce uma função balizadora na vida das pessoas negras. Alguns possuem a educação como a única possibilidade de “ser alguém” no mundo, transformar a história da sua família, transformar a sua própria

²⁰ Entrevista concedida por UBIRACI e BÁRBARA em dezembro de 2023, na cidade de Salvador/Bahia pelo técnico de Comunicação Social Érik Lima.

história e acessar uma situação econômica que possibilite mais escolhas e bem-estar. Para outros, essa educação precisa ficar em segundo plano, pois, para “ser alguém” neste mundo capitalista, antes de tudo precisa-se produzir, trabalhar, se sustentar e sustentar os seus.

A educação no contexto das famílias negras, muitas vezes ocupa um lugar de tudo ou nada. Ou entende-se como a sua única chance, ou entende-se como uma questão secundária. As famílias negras, não possuem múltiplas escolhas nesse contexto, o que por si já é muito perverso. A desigualdade é uma característica marcante da diversidade brasileira, o que exige uma reavaliação das práticas educacionais para atender a essa diversidade e promover a equidade racial. Educação, famílias negras brasileiras e desigualdade social e econômica estão interligadas de maneira significativa. Nesse contexto, as famílias negras enfrentam desafios diretamente relacionados à dinâmica familiar e às oportunidades de mobilidade social.

A educação é considerada um elemento fundamental para superar as desvantagens históricas que a população negra enfrenta, especialmente devido ao racismo estrutural, que resulta em desigualdades no acesso e na qualidade educacional (Gaia; Scorsolini-Comin, 2020). Muitos jovens e adultos negros recorrem à Educação de Jovens e Adultos (EJA) como uma forma de retomar ou concluir a educação básica, destacando o papel da educação na transformação social e na melhoria das condições de vida das famílias negras. Meu próprio histórico escolar ilustra essa trajetória: após enfrentar dificuldades no ensino médio, interrompi os estudos temporariamente, optei pela EJA, mas por fim concluí meu ensino médio por meio do ENEM. Passos e Laffin (2012) ilustram que essas desigualdades educacionais enfrentadas pela população negra são amplamente apontadas. Essas diferenças são profundas e variadas, dificultando a integração social da população negra e prejudicando a construção de um país mais democrático e justo.

Durante as entrevistas e, posteriormente, durante suas análises, foi possível perceber como cada família constrói na sua singularidade o significado das relações familiares, o vínculo com o território, com os estudos, com o trabalho, com a morte, com a distância, o afeto, a saudade e como a vida se apresenta. É possível notar, no entanto, que apesar de existirem desafeitos, brigas e rompimentos, o que todas as famílias compartilham é uma noção trazida pelos mais velhos, de que família é, comumente, aquele núcleo que compõe a sua residência ou os arredores e convive

diariamente. Enxergando esse núcleo como o fundamental para a sua existência e resistência diante o mundo, enquanto para as gerações mais novas como as filhas Micaela, Alana e eu, a noção de família perpassa pelo núcleo pai, mãe, irmãos e uma rede de apoio que nem sempre tem a ver com sangue.

A concepção tradicional de família, formada por pai, mãe e filhos, vem experimentando uma transformação significativa nas últimas décadas. Para além da ideia de que a família são as pessoas ligadas de forma consanguínea, as novas gerações enxergam a família de forma mais abrangente, fluida e de acordo com o seu contexto social. Hoje, a família pode também ser vista como um grupo de pessoas unidas por vínculos afetivos, que podem ou não ser de sangue.

Famílias monoparentais, recompostas, homoafetivas, com filhos adotivos, casais sem filhos e até mesmo as "famílias escolhidas", compostas por amigos próximos e redes de apoio que possuem papéis essenciais na vida uns dos outros, estão se tornando cada vez mais comuns e aceitas. Essa mudança reflete fatores como a evolução dos papéis de gênero, a maior aceitação da diversidade sexual, o envelhecimento da população e o aumento da autonomia individual.

Com o avanço das discussões sobre saúde mental, genocídio do povo negro, solidão da mulher negra e o direito das pessoas LGBTQIAPN+ a ideia de família vem se transformando e acompanhando as mudanças, colaborando assim, para a redefinição de família na nova geração, tornando-a um espaço mais inclusivo, com mais espaço para negociações, o que não significa a inexistência de conflitos, uma vez que a própria diversidade passa a habitar o interior das famílias. Outra coisa que me chamou a atenção é como as mulheres desempenham um papel direcionador da instituição familiar.

Na família Pinheiro, as quase consecutivas perdas das mulheres da família, mulheres essas irmãs de Dona Jannaci e tias de Alana, deixaram um vazio imenso nesse núcleo, que no momento do adoecimento dessas mulheres precisaram se unir e dividir as obrigações de cuidado e atenção, como demonstra Alana: “Foi uma questão bem do lado feminino, né? Porque somente Marília e Mônica foram as que foram lá juntas. Porque, por exemplo, tudo bem, os maridos delas não são parentes diretos, mas não estavam tão envolvidos (informação verbal)”²¹.

²¹ Entrevista concedida por JANNACI e ALANA em dezembro de 2023, na cidade de Salvador/Bahia, realizada pela graduanda Bárbara Conceição Penacho dos Reis Gomes dos Santos.

Aqui, foi possível notar que apesar do suporte dos homens do núcleo familiar, como marido, filho, sobrinhos, eram as filhas, sobrinhas e irmãs que ficavam com a maior carga emocional e burocrática. Isso, nos chama a atenção para a sobrecarga feminina existente nessas famílias, apesar de algumas diferenças, aqui elas se encontram.

As mulheres são majoritariamente as ocupantes do lugar de cuidado. Dona Conceição por exemplo, da família Sodré, mostrou descontentamento ao sinalizar que apesar de possuir 21 irmãos, é sempre ela a acionada para resolver todos os problemas. É certo que muito disso ela atribui ao fato dela ser a mais velha, mas também demonstra não entender por que precisa ser ela a figura a acolher a todos e resolver todos os problemas. Dona Uiraci, a minha mãe, por longos anos foi a responsável pelos cuidados de uma tia-avó que, após um AVC, ficou acamada.

O papel da mulher como cuidadora é uma estruturação social que se arrasta por gerações, moldado por normas culturais, religiosas e econômicas. Frequentemente a questão “Quem cuida de quem cuida?” é levantada e a resposta é muito evidente: provavelmente uma mulher. É um ciclo muitas vezes reproduzido sem questionamentos. Ao longo da história, a mulher tem sido associada aos cuidados domésticos, à criação dos filhos e ao bem-estar da família, enquanto o homem era visto como o provedor. Esse cenário é atravessado pelo patriarcado, a divisão sexual do trabalho, falta de valorização e reconhecimento, machismo e misoginia (Narvaz; Koller, 2006).

Este é um tema complexo e embora tenha alcançado avanços significativos na busca por igualdade de gênero, a divisão desigual das tarefas domésticas ainda é uma realidade para muitas mulheres. Esse papel tradicional cerceia as oportunidades das mulheres, restringindo-as a funções de cuidado e limitando o seu acesso a carreiras e cargos de liderança. Além disso, essa atribuição reforça a desvalorização do trabalho de cuidado e ignora sua importância econômica e social (Montenegro, 2018). Para criar uma sociedade mais igualitária, é essencial questionar essa visão e buscar uma divisão mais justa das responsabilidades de cuidado, reconhecendo seu valor e incentivando uma distribuição mais justa entre os gêneros.

Também na família Sodré, Senhor Aurenio não teve nenhuma timidez ao afirmar que não fazia nada em casa. Ele considera que o seu trabalho é fora de casa. É o trabalho de prover a sua mulher e a sua filha.

Eu não faço nada, menina. Pronto, não precisa me perguntar, eu não faço nada. E eu chego, me deito no sofá, ligo a televisão e vou assistir. Se tiver uma cervejinha, eu bebo. Se não tiver uma cachacinha, eu bebo e se não tiver, eu deito ali mesmo e acabou. Não é para falar tudo o que tenho que falar? (informação verbal).²²

Os afazeres domésticos não são do seu agrado e ele não esconde que não faz e não gosta de fazer. Quando tem que fazer, reclama e não reconhece os afazeres domésticos como trabalho, diferentes de todas as mulheres entrevistadas nessa produção que, facilmente demonstram a sua leitura do trabalho doméstico como um trabalho.

Aurenio também afirma ser muito rígido no que se diz respeito ao comportamento da filha mais velha, do primeiro casamento, mostrando um constrangimento e rejeição muito grande ao falar, também sem timidez, que antes da filha mais velha tornar-se evangélica, não aprovava a vida que ela levava. Não aprovava e não achava adequado o comportamento da filha como mulher. Aponta inclusive que, ele como pai e muito provavelmente como figura paterna perante os outros, recebia muitas queixas na rua, o que o incomodava muito, a ponto de não querer tanta relação com essa filha. Mas tudo mudou após ela se converter evangélica, casar e construir uma família. Nas palavras dele, neste momento a filha virou gente.

Neste ponto é possível notar como a religiosidade e o machismo estão profundamente interligados, moldando o comportamento das mulheres e regulando-o na sociedade. Isso é observado tanto na movimentação dos vizinhos ao procurarem Aurenio, a figura paterna, para fazer queixas em relação a vida pessoal de sua filha adulta, como no próprio discurso de Aurenio, ao verbalizar a aceitação da filha a partir do momento que ela se vincula a uma religião que delimita os seus comportamentos.

Muitas tradições religiosas historicamente atribuíram às mulheres papéis subordinados e expectativas rígidas, como por exemplo a obediência, muitas vezes reforçando estereótipos patriarcais e mantendo essas mulheres em relações violentas e autoritárias em nome de uma crença. Em contextos em que a religiosidade articula padrões comportamentais, a ideia de uma "mulher digna e de honra" frequentemente se traduz em conformidade a normas que priorizam a submissão e a preservação da imagem pública, em detrimento da autonomia e igualdade de gênero. Essa imagem pública precisa ser preservada e honrada perante a instituição igreja, bem como

²² Entrevista concedida por AURENIO, CONCEIÇÃO e MICAELA em novembro de 2023, na cidade de Salvador/Bahia, realizada pela graduanda Bárbara Conceição Penacho dos Reis Gomes dos Santos.

naquele território onde ela vive. Sendo o território um lugar normalmente íntimo e familiar, essa construção social, reforçada por dogmas religiosos, contribuiu para a perpetuação de desigualdades de gênero, limitando as oportunidades e escolhas genuínas dessas mulheres, bem como elas são enxergadas nesses ambientes em que convivem.

É quase palpável a conexão que essas famílias possuem com seus territórios, ainda que alguns sejam tidos como marginalizados, como distantes o suficiente do que é chamado centro da cidade a ponto de virar piada e até como um território já abandonado e tomado pela violência. Essas famílias construíram suas histórias no território que habitam hoje, cultivam relações, amizades, são conhecidos no bairro e o defendem como quem defende uma terra mãe. Uma terra que abriga, acolhe e conecta.

Residentes há muitos anos no território desse bairro e na casa que compraram ou herdaram, essas mulheres foram importantes na busca de um lugar para a fixação de suas famílias na cidade. De acordo com Delgado e Fuser (2012), a fixação no local de moradia, torna mais possível a vinculação ao mercado, o acesso à escola, a construção de redes de vizinhança e de laços de solidariedade locais o que é fundamental para sua sobrevivência prática e simbólica.

Falando em território, é interessante notar que no começo deste trabalho é abordado como se deu a escolha deste tema. Um acontecimento pessoal, um incêndio que culminou na perda de todos os objetos materiais que resguardavam a memória da minha família e agora, neste momento de finalização desta produção, mais uma vez a minha família se encontra em uma situação diretamente ligada ao território, a casa que sempre nos abrigou.

Nossa casa foi desabrigada muito recentemente, por risco de colapso/desabamento e conforme este TCC é construído, é também possível observar o fluir da vida, os momentos de resiliência dessas famílias, os momentos de afeto, união, transformações e luta. Os momentos de mobilização entre a comunidade e a rede de apoio. Rede essa, considerada família, mesmo sem o laço sanguíneo. São famílias negras que constantemente estão lutando para preservar a sua memória, ainda que o façam inconscientemente. Famílias negras que reivindicam o seu território, a sua história, a sua imagem, a história dos que vieram anteriormente e buscam, através do afeto, do acolhimento e da união manter a resiliência e reminiscência familiar vivas.

Outro fator muito presente nas famílias entrevistadas é a relação com a religião católica e como essa relação foi se desdobrando com o passar das gerações. Ainda que a igreja católica tenha desempenhado também um papel fundamental no período da colonização e escravidão, essa é uma herança e como muitos chamam, uma tradição que ficou. Em ambas as famílias o catolicismo foi notado. Seja com idas às missas, procissões católicas, batismo, grupos de igreja ou comemorações de dias e festejos católicos. No que tange a questão do batismo, podemos relacionar inclusive a importância dada à família dentro desses núcleos que seguiram de alguma forma a religião católica. Em todas, algum membro familiar também foi escolhido para ser o padrinho ou a madrinha de um novo membro da família em determinada época.

Hoje, nota-se que as pessoas mais jovens dessas famílias ou não professam nenhuma fé, ou buscam outras religiões que não a católica tradicionalmente seguida pela família, a exemplo da Família Sodré, onde a filha mais nova, Micaela, tornou-se evangélica. No caso da minha mãe, a mais velha da minha família, que teve uma mãe católica e narrou e professou da religião por um tempo, hoje faz parte da Igreja Messiânica, Igreja de religião Japonesa.

Muito me chamou a atenção as religiões de matriz africana não serem dominante ou presente em nenhuma das famílias entrevistada. A matriarca da Família Sodré inclusive, quando viva, era mãe de Santo, no entanto, após o seu falecimento as filhas escolheram não seguir com a religião. Não quiseram entender, aprender ou praticar. Recebendo assim, orientação para se desfazer dos objetos da mãe com o devido respeito que se pede na religião do candomblé. Dona Conceição, no entanto, optou por ser católica, assim como sua filha Micaela que também era católica praticante, antes de se afastar da crença e posteriormente tornar-se evangélica. Na Bahia, a relação dos negros com o catolicismo é caracterizada por uma profunda integração entre práticas africanas e católicas, refletindo o sincretismo religioso que define a região.

Desde o período colonial, os africanos escravizados e seus descendentes fundiram elementos de suas crenças tradicionais com o catolicismo, resultando em cultos e devoções tanto aos santos católicos quanto aos orixás das religiões de matriz africana. De acordo com o Censo 2010 do IBGE, aproximadamente 65% da população baiana se identificava como católica e a Bahia era o estado brasileiro com o maior número de praticantes de candomblé. Assim, muitos adeptos do catolicismo na Bahia também preservam aspectos das religiões afro-brasileiras em suas práticas,

evidenciando uma fusão cultural singular. Esse fenômeno é conhecido como sincretismo: a combinação de diversos elementos religiosos e adaptações interpretativas. Em "Casa Grande & Senzala" (2003) de Gilberto Freyre e "Religiões dos Negros Brasileiros" (1985) de Roger Bastide, é aprofundada a compreensão desse sincretismo religioso, destacando a importância da cultura africana na formação da identidade baiana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda história é carregada de memória, não sendo possível desvincular uma coisa da outra. A memória, a lembrança, estão ali, impregnadas na história trazida pelo registro documental ou pela oralidade. A beleza disso está na possibilidade de reviver a mesma história várias vezes, ainda que essa mesma história possa despertar diferentes sensações cada vez que for revisitada. Também possibilita que gerações que não ocuparam este espaço-tempo, possam conhecer a história dos que vieram antes e pavimentaram este caminho que possibilitou a sua jornada atual. A memória possibilita que novas gerações possam reivindicá-la, possam usá-las como ferramentas para o não apagamento e para novas conquistas.

A memória influencia, impulsiona, comove, valida e mobiliza. Mobiliza o sentir e mobiliza o agir. A memória e a mobilização se fazem importantíssimas quando falamos da história da população negra brasileira e da formação dos seus núcleos familiares, de suas próprias narrativas. Afinal, o que seria da história da formação da sociedade brasileira, se existisse apenas a versão contada nos livros enviesados pelo olhar colonialista de descobrimento, amor de cor e trabalho legítimo? Como conheceríamos outros caminhos, caminhos verídicos, caminhos de luta e resistência, sem a memória, a oralidade e a documentação?

Movimentações de resgate, resistência e políticas públicas que promovam com efetividade a inclusão da história do povo negro nas escolas, o incentivo de manifestações e espaços artísticos e culturais que trabalhem a oralidade dos que vieram antes de nós, construção e manutenção de museus, memoriais que preservem e exponham registros históricos do povo negro, financiamento e apoio as ações de preservação da memória são possíveis caminhos que o Estado e a sociedade podem escolher trilhar para que não se perca o que foi construído até aqui e nem mesmo exista espaço para que a história seja contada por outras pessoas, que não nós

mesmos.

Ao registrar, preservar e divulgar as histórias de vida, desafios e realizações das famílias negras, construímos uma visão mais abrangente e inclusiva da nossa história nacional, bem como quebramos estigmas e promovemos uma maior autonomia ao contar a sua própria história. Esse processo não só recupera a dignidade e identidade das pessoas negras, como também enfrenta o apagamento cultural e histórico provocado por narrativas dominantes e coloniais. Além disso, ao valorizar as histórias e tradições negras, promovemos a conscientização crítica, a educação e o respeito pela diversidade.

A memória histórica das famílias negras é crucial para construir um legado coletivo que reconheça a resistência e as contribuições valiosas desses grupos ao longo do tempo. Conhecer e ouvir a voz desse grupo essencial na formação social brasileira é fundamental para dismantelar mitos e estereótipos negativos sobre a população negra e promover a valorização da nossa cultura e ancestralidade. A memória é um instrumento poderoso na luta antirracista. Permite reavaliar o passado e trabalhar por um futuro mais justo e igualitário. A importância dos relatos orais e visuais na transmissão da memória histórica reflete a conexão entre a memória individual e coletiva da comunidade negra e fortalece um passado de luta, resistência e de afeto. A história da população negra no Brasil não é feita somente de dor. Como diz o rapper Rincon Sapiência em sua música Ponta de Lança (2017): “faço questão de botar no meu texto que pretas e pretos estão se amando”.

O povo negro se destaca por criar memórias que são passadas de geração em geração, marcadas pelo afeto, pela luta, pela resistência, pelas conquistas e pela dor; aquilo que deixa uma marca perdura na memória coletiva. A memória é a base epistemológica de todas as culturas, permitindo que conhecimentos e práticas sociais sejam transmitidos ao longo do tempo, preservando identidades coletivas e moldando representações sociais. A linguagem, como meio de codificação e transmissão da experiência, desempenha um papel vital nesse processo. Instituições culturais como monumentos, bibliotecas e museus atuam como guardiãs da memória, preservando e difundindo o patrimônio cultural de uma sociedade, bem como grupos, quilombos, movimentos e famílias.

No que diz respeito aos espaços, estes servem como pontos de referência, facilitando a construção de narrativas históricas e a visualização de futuros desejáveis. A memória não está confinada apenas na mente; ela se manifesta em diversos

aspectos, como na escrita, na oralidade, no corpo, na fé, nas fotos, nos vídeos, nos territórios, nos sobrenomes, nas ancestralidades, na luta e no compartilhamento de saberes. A memória é livre e está presente em toda parte.

REFERÊNCIAS

ALVES, Leonardo Dias. A divisão racial do trabalho como um ordenamento do racismo estrutural. **Revista Katálisis**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 212-221, mai./ago. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2022.e84641>. Acesso em: 21 ago. 2024.

AURENIO; CONCEIÇÃO; MICAELA. **Entrevista I**. [nov. 2023]. Entrevistadora: Bárbara Conceição Penacho dos Reis Gomes dos Santos. Salvador, 2023. 1 arquivo .mp3 (51 min).

BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil**: Contribuição para uma Sociologia das Interpenetrações de Civilizações. v. 1, São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1985.

BEM, Deborah; BORGES, Giovanna Bem. Família brasileira: uma construção a partir da perspectiva de raça, classe e gênero. In: GEVEHR, Daniel Luciano (org.). **Raça, etnia e gênero**: questões do tempo presente. Guarujá-SP: Científica Digital, 2022. Disponível em: <https://www.editoracientifica.com.br/books/livro-raca-etnia-e-genero-questoes-do-tempo-presente-vol2>. Acesso em: 11 mai. 2023.

BILL, MV. **Só Deus Pode Me Julgar**. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=32Cs1rH-UBA>. Acesso em: 19 ago. 2024.

BORGES, Carolina de Campos; MAGALHÃES, Andrea Seixas. Laços intergeracionais no contexto contemporâneo. **Estudos de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, 171-177, mai./ago. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2011000200008>. Acesso em: 13 jul. 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=199506&filename=LegislacaoCitada%20PL%203005/2004#:~:text=226.,civil%2C%20nos%20termos%20da%20lei. Acesso em: 13 abr. 2023.

CARANDIRU. Direção de Héctor Babenco. São Paulo: Globo Filmes, HB Filmes, 2003 (146 min).

CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 37, p. 5-16, 1981. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1590/1580>. Acesso em: 11 mai. 2023.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELGADO, Josimara. **Memórias de velhos trabalhadores aposentados: estudo sobre geração, identidade e cultura**. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Serviço Social, 2007.

DELGADO, Josimara; FUSER, Bruno. **Memória, gerações e produção cultural**: experiências e reflexões. Juiz de Fora: Juizforana, 2012.

DIEESE. **Boletim Especial 8 de março: Dia da Mulher**. 2023. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2023/mulheres2023.html>. Acesso em: 14 mai. 2024.

DON L; TASHA E TRACIE. **auri sacra fames**. São Paulo. 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ulXJ71royoY>. Acesso em: 19 ago. 2024

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob regime da economia patriarcal**. 48. ed. São Paulo: Global, 2003. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/229395/mod_resource/content/1/Gilberto%20Freyre%20-%20Casa-Grande%20e%20Senzala%20%281%29.pdf. Acesso em: 25 mai. 2024.

FERLE, Margarete. A Utilização de Documentos de Arquivo Familiar como Fonte Histórica em Sala de Aula. *In*: PARANÁ. **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE 2014: Produções Didático-Pedagógicas**. Curitiba: SEED/PR., 2014. v.1. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uel_hist_pdp_margarete_ferle.pdf. Acesso em: 16 mai. 2023.

FIGUEIREDO, Maria Aparecida Barbosa de. Memória iconográfica: a crônica visual dos álbuns de família. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA. 3., 2012, Fortaleza. **Anais eletrônicos [...]** Fortaleza, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/42845/1/2012_eve_mabfigueiredo.pdf. Acesso em: 16 mai. 2023.

GAIA, Ronan da Silva Parreira; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. As encruzilhadas do racismo estrutural na educação do negro no Brasil. **Revista África e Africanidades**, ano 13., n. 35, 2020. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/0130082020.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2024.

GIUSTI, Desiree Costa. **O que Restou do Olhar: Reminiscências de um Álbum de Família**. Orientadora: Valzeli Sampaio. 2015. 46 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/9980/1/Dissertacao_OlharAlbumFamilia.pdf. Acesso em: 04 jul. 2023.

HAHNER, June E. Escolas mistas, escolas normais: a coeducação e a feminização do magistério no século XIX. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 467-474, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200010>. Acesso em: 15 ago. 2024.

hooks, bell. Love as the practice of freedom. *In*: **Outlaw Culture: Resisting Representations**. Nova Iorque: Routledge, 1994, p. 243-250. Disponível em: https://archive.org/details/outlawcultureres00hook_0/page/n9/mode/2up. Acesso em: 24 jul. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo 2010: Amostra religião**. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/pesquisa/23/22107>. Acesso em: 17 jul. 2024.

JANNACI; ALANA. **Entrevista II**. [dez. 2023]. Entrevistadora: Bárbara Conceição Penacho dos Reis Gomes dos Santos. Salvador, 2023. 1 arquivo .mp3 (79 min).

JOCENIR. **Diário de um detento**: o livro. São Paulo: Labortexto Editorial, 2001.

LIMA, Aline Mendes. “**Ofereço minha foto como recordação**”: representações negras em álbuns familiares (Pelotas 1930 - 1960). Orientador: Charles Monteiro. 2009. 129 f. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em História das Sociedades Ibéricas e Americanas, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2320>. Acesso em: 21 mai. 2023.

MONTENEGRO, Rosiran Carvalho de Freitas. Mulheres e cuidado: responsabilização, sobrecarga e adoecimento. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORAS/ES EM SERVIÇO SOCIAL. 16., 2018, Vitória. **Anais eletrônicos** [...] Vitória, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22440/14947>. Acesso em: 20 ago. 2024.

MUSA, Priscila Mesquita. **Quem vê cara não vê ancestralidade**: arquivos fotográficos e memórias insurgentes de Belo Horizonte. Orientadora: Renata Moreira Marquez. 2022. 502 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/47923>. Acesso em: 21 mai. 2023.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Silva Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 18, n. 1, p. 49-55, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822006000100007>. Acesso em: 02 ago. 2024.

PARRA, João Fernando de. O neoliberalismo e as relações raciais: o não-lugar do racismo estrutural nos editoriais sobre a morte de George Floyd. **Sociologias Plurais**, Curitiba, v. 7, n. 3, p. 146-169, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/scplpr/article/viewFile/82258/44308>. Acesso em: 20 jul. 2024.

PASSOS, Joana Célia; LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. As desigualdades educacionais, a população negra e a educação de jovens e adultos. *In*: LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes (org.). **Educação de Jovens e Adultos, diversidade(s) e o mundo do trabalho**. 1 ed. Ijuí-RS: Editora da UNIJUÍ, 2012, p. 103-162.

RACIONAIS MC'S. **Diário de um detento**. São Paulo: 1997. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dGFxdmuDA4A>. Acesso em: 19 ago. 2024.

_____. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Cosa Nostra, 1997.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

REDE PENSSAN. **II Inquérito Nacional Sobre Segurança Alimentar no Contexto da Pandemia de Covid-19 no Brasil**: II VIGISAN – Insegurança Alimentar nos Estados. 2022. E-book. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2022/10/14/olheestados-diagramacao-v4-r01-1-14-09-2022.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2023.

REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. **A família negra no tempo da escravidão**: Bahia, 1850-1888. Orientador: Robert Wayne Andrew Slenes. 2007. 300 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2007.401373>. Acesso em: 21 mai. 2023.

REIS, Narjara Oliveira. Entre a invisibilidade, o braqueamento discursivo e a hipersexualização: imagens de controle sobre o termo *negro* e o seu lugar na enunciação. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 157-182, abr./jun. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2176-4573p54583>. Acesso em: 15 jul. 2023.

RENDEIRO, Marcia Elisa Lopes Silveira. **Álbuns de Família: Fotografia e Memória nos Anos Dourados**. Orientadoras: Leila Beatriz Ribeiro e Vera Dodebei. 2008. 122 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Diss234.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2023.

SARAIWA, Vanessa Cristina dos Santos; CAMPOS, Daniel de Souza. A carne mais barata do mercado é a carne negra: notas sobre o racismo e a violência obstétrica contra mulheres negras. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 9, p. 2511-2517, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232023289.05182023>. Acesso em: 23 ago. 2024.

SAPIÊNCIA, Rincon. **Ponta de Lança**. São Paulo. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lmiTCZokBOE>. Acesso em: 19 ago. 2024.

SILVA, René Marc da Costa. História dos trabalhadores negros no Brasil e desigualdade racial. **Universitas JUS**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 93-107, 2013. Disponível em: <https://www.uhumanas.uniceub.br/jus/article/viewFile/2542/2123>. Acesso em: 20 jul. 2024.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

UBIRACI; BÁRBARA. **Entrevista III**. [dez. 2023]. Entrevistador: Érik Lima. Salvador, 2023. 1 arquivo .mp3 (38 min).

VAZQUEZ, Ana Carolina Brandão; Falcão, Ana Taisa da att. O impacto do neoliberalismo sobre as mulheres trabalhadoras: a esfera do cuidado e a precarização do trabalho feminino. **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 43, p. 371-392, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552264314015>. Acesso em: 13 jul. 2024.

APÊNDICE — Roteiro para entrevista

1. Quem são as pessoas que constituem a sua família?
2. Qual é a história dessa família que foi apresentada?
3. Qual a história de trabalho dessa família? Como ela se constituiu materialmente?
 - 3.1 Sempre foi assim? A geração anterior, trabalhava e vivia de que forma?
4. A geração mais nova dessa família (filhos, netos e bisnetos se houver) trabalha com o quê? Vive como?
5. Como a sua família se relaciona com as políticas públicas? Utilizam o SUS? o SUAS?
6. Quem é o responsável pela família?
7. Durante a história dessa família, como se deu as divisões de tarefas? Quem cuidava/cuida? quem provia/prover? Quem estudou/estuda?
8. Como vocês se mantiveram unidos?
9. Como é a relação de vocês com o passado e o presente familiar?
10. A família possui o hábito de preservar fotos que contam a história familiar?

Ver e ouvir os relatos sobre as fotos, a partir da consulta da família ao seu acervo iconográfico.

11. Quem são as pessoas retratadas na fotografia?
13. Em que contexto essa fotografia foi feita?
14. Quem fotografou?
13. Observar se as fotografias possuem legendas escritas e o que dizem.